

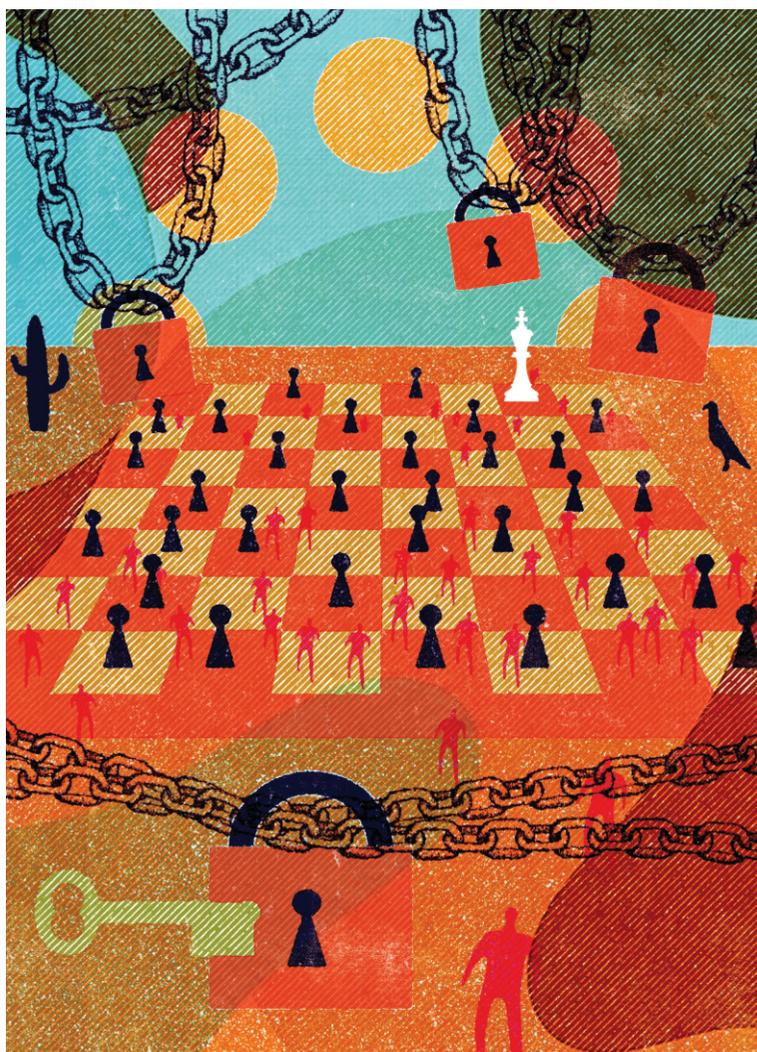
ADUEPB

# DEBATE

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UEPB - Nº 1 - ANO 1 - DEZEMBRO/2021



Capa: Ilustração de Sílvio Sá



Castro, Paula Almeida de

Revista ADUEPB Debate. [Livro eletrônico]. / Paula Almeida de Castro, Mauriene Silva de Freitas, Édson Holanda Cavalcante Júnior, Deoclecio Ferreira de Brito, Lourivaldo Mota Lima. [Organizadores]. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

30 p. il. color.

Modo de acesso: <https://aduepb.com.br>

ISBN: 978-65-86901-38-2

1. Professor. 2. Pesquisa. 3. Universidade. I. Castro, Paula Almeida de (Org.). II. Freitas, Mauriene Silva de (Org.). III. Cavalcante Júnior, Édson Holanda (Org.). IV. Brito, Deoclecio Ferreira de. (Org.). V. Lima, Lourivaldo Mota (Org.). I. Título.

21. ed. CDD

## EXPEDIENTE

### COMITÊ EDITORIAL

**Mauriene Silva de Freitas**  
**Lourivaldo Mota Lima**  
**Edson Holanda Cavalcanti Júnior**  
**José Helber Tavares**  
**Deoclécio Ferreira Brito**  
**Paula Almeida de Castro**

E-mail para contato: [aduepbsecretaria@hotmail.com](mailto:aduepbsecretaria@hotmail.com)

Revista ADUEPB - Dezembro/2021 - Nº 1 / ANO I

### DIRETORIA 2019/2021

Diretora Presidenta: **Mauriene Silva de Freitas**  
Diretor Vice-Presidente: **Lourivaldo Mota Lima**  
Diretora 1ª Secretária: **Margareth Maria de Melo**  
Diretor 2º Secretário: **Danilo de Almeida Vasconcelos**  
Diretor 1ª Tesoureiro: **Edson Holanda Cavalcanti Júnior**  
Diretor 2ª Tesoureiro: **José Helber Tavares Cavalcante Júnior**  
Diretor de Comunicação: **Deoclécio Ferreira Brito**  
Diretor para Assuntos Sindicais: **Belarmino Mariano Neto**  
Diretora para Assuntos Científicos, Culturais e Sociais:  
**Paula Almeida de Castro**

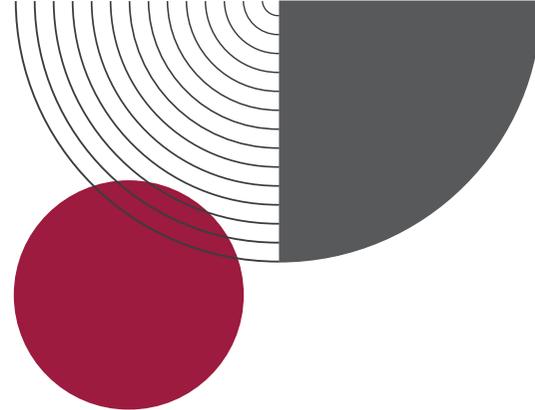
### SUPLENTES:

1ª **Francisca Eduardo Pinheiro**  
2ª **Andrea Morais Costa Buhler**  
3º **Josemar Henrique Melo**  
4º **Ozéas Jordão da Silva**

Assessoria de Comunicação:  
**Fred Oliveira**

Editoração Eletrônica:  
**Antena Mídias Sociais**

Jornalista Responsável:  
**Fred Oliveira**



## INSTITUIÇÕES, SERVIÇOS E PROFISSIONAIS EM RISCO: **O DEBATE NECESSÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA**



O mundo assiste ao avanço da pandemia da COVID-19 e o modo como as organizações de saúde, autoridades e profissionais estão atuando para encontrar a cura, conter a doença, manter a população informada e segura, bem como criar estratégias para o desenvolvimento econômico.

### **Qual o debate necessário a ser feito agora?**

No contexto brasileiro, observamos o ataque às instituições e servidores públicos sendo agravadas pelas condições de isolamento social requeridas para evitar o avanço descontrolado dos efeitos da pandemia da COVID-19. Ataques estes que encontraram, na Emenda Constitucional nº 95 (promulgada em 15 de dezembro de 2016), a oportunidade de estabelecer um regime fiscal de contenção por 20 anos. O trânsito nesse terreno, torna necessária a defesa dos servidores públicos de todos os setores, ao mesmo tempo em que requer medidas imediatas de segurança e estabilidade socioeconômica à população.

Nesse sentido, faz-se necessário aprofundar o debate sobre a reforma da previdência e seus efeitos, a educação, tecnologias e seus sujeitos em tempos de pandemia da COVID-19, as condições de saúde física e emocional da população, o crescimento da violência doméstica envolvendo mulheres e crianças em função das condições de isolamento social, a crise nos setores de cultura e arte, bem como a atuação das seções sindicais para assegurar a manutenção dos direitos dos profissionais das universidades públicas brasileiras.

# ENTRE TRAÇOS, TINTAS E TELAS: CRÔNICA DE UM SUJEITO EM ISOLAMENTO SOCIAL

Amiel Nassar Rivera<sup>1</sup>

O advento da pandemia obrigou-nos ao isolamento social. De repente, a vida, cotidiana e tributável, foi virada pelo avesso. As aglomerações ao final do expediente ou mesmo durante o horário de trabalho tiveram uma pausa. Indesejável, mas, ainda assim, obrigatória. Foram pausados também os risos, os abraços. Se, antes, tocar o outro era uma demonstração de carinho e afeto necessária e desejada; agora, o afeto maior é recolher-se, não se dar as mãos, não se abraçar presencialmente.

Da noite para o dia, o nosso mundo caiu. Seja por ingenuidade, seja por não termos aprendido com a História, achando que o passado não nos assombra mais, muitos de nós acreditamos que tudo voltaria ao normal em pouco tempo. Em dois ou três meses, os otimistas afirmavam que a vida retornaria aos eixos e estaríamos bem de novo porque, afirmavam, genocidamente, outros, o que nos assombrava não passava de uma simples gripezinha.

O tempo foi passando. Aumentado os números de infectados e de mortos, o medo passou a tomar conta de muitos de nós, e a permanência no isolamento social foi se tornando mais e mais necessária apesar de alguns terem defendido que a ordem do dia era se adaptar ao “novo normal”, porque a economia não podia parar, e outros justificarem que, em nome da saúde mental, precisariam sair do isolamento, mas tudo respeitando os protocolos de segurança. Seguimos em isolamento, a nossa casa é o nosso lugar “seguro” no mundo apesar do próprio mundo. Mais do que nunca, a casa, para quem a tem, tornou-se, mais ainda, nosso lugar de refúgio.

Saindo de casa apenas para o necessário, o que inclui ida apenas ao supermercado, à farmácia, à padaria ou ao médico e não mais a festas, viagens, reuniões com os amigos, tentamos seguir a vida que levávamos antes. Em sendo professores, continuamos a preparar e ministrar as aulas, corrigir as atividades dos alunos e, no que seria o tempo de “descanso”, ler algum livro, ouvir alguma música, ver algum filme ou conversar, através das redes sociais, com os afetos distantes.

Entretanto, com o passar dos dias, para muitos de nós, essa rotina foi se tornando enfadonha e cansativa. Antes, esse enfado e esse cansaço, talvez, nem fossem sequer percebidos, uma vez que, entre uma e outra atividade rotineira, havia o encontro com os amigos, a conversa com os alunos, os fins de semana com a família, as viagens. Havia, sobretudo, a possibilidade de gritar em um brado retumbante: SEXTOU!!! Enfim, sextando ou não, havia a possibilidade de transitar fora de nossa casa. Agora, não mais. Tudo se concentrou dentro de casa. E, assim, fomos nos enchendo de mais trabalho porque parece que, estando em casa, passamos a ter mais tempo.

Logo, aumentou-se o número de reuniões, de eventos, de lives, de atividades em uma verdadeira esquizofrenia pandêmica em que muitas vezes as nossas emoções, os nossos sentimentos e

os nossos comportamentos não estavam de acordo com a realidade. Assim, ocuparmo-nos com mil reuniões e atividades remotas era uma reação ao contexto da pandemia, como se, agindo assim, o vírus, de certa forma, não mais estivesse a nossa espreita, ameaçando nossas vidas e continuando a ceifar tantas outras.

No entanto, os rostos dos mortos, antes desconhecidos, se tornaram os de pessoas muito próximas: amigos, pais, irmãos, tios, tias partiram e ficamo-nos nós cá sempre tristes. E, em alguns casos, se sentido culpados seja porque esquecemos de lavar as mãos, usar a máscara, fazer o distanciamento social, seja porque as lavamos em um 2018 não tão distante.

Apesar da existência da vacina, o isolamento social segue sendo, ainda, necessário. Não há vacina para todos porque a vida não é a grande preocupação do governo que temos aí. Por isso, sigo em casa. Agora, na esperança de ser vacinado em tempo. Enquanto a vacina não vem, fui procurando formas de superar a fadiga do isolamento social. Encontrei na pintura uma atividade prazerosa e terapêutica para realizar em casa nos momentos em que é preciso dar uma pausa nas demandas do trabalho.

Com exceção dos raros momentos de desenho nos tempos da escola, desenhar, pintar nunca fizeram parte de minha vida fora desse contexto. Apenas como atividade contemplativa era que eu me relacionava com a pintura, sobretudo porque tenho alguns amigos artistas, como Val Margarida, Valci Oliveira, Rodrigues Lima, pessoas com quem converso e troco algumas obras de arte, mas, sobretudo, cuja produção artística eu admiro bastante. Acho que, de tanto completar a produção desses amigos e de outros artistas, aproveitei o momento de isolamento e resolvi me arriscar com as tintas e as telas.

Trabalho na UEPB há doze anos e é, pois, esse mesmo tempo em que vivo em Monteiro, cidade que para mim não é somente local de trabalho, lugar para apenas bater o ponto, mas, sim, é meu lugar de afeto. Vim para trabalhar aqui, mas acabei ficando para viver. Então, em uma das saídas necessárias, passei por uma papelaria e comprei umas telas pequenas. Não tinha, como ainda não tenho, noção de tamanho, perspectiva, simetria, profundidade, consciência do jogo de luz e sombra. A noção que passei a ter depois, graças à Val Margarida e à Dilma Trovão, foi a do tipo de tinta necessário para pintura em tela.

Mesmo sem tais conhecimentos sobre pintura, aventurei-me, usando umas tintas guaches que havia comprado junto com o material escolar do meu sobrinho. Os primeiros traços foram apagados tantas vezes até eu estar diante de formas que me agradassem. Feitos os riscos, passei a jogar as tintas nas telas e, como não eram adequadas, o efeito não ficou como o desejado.

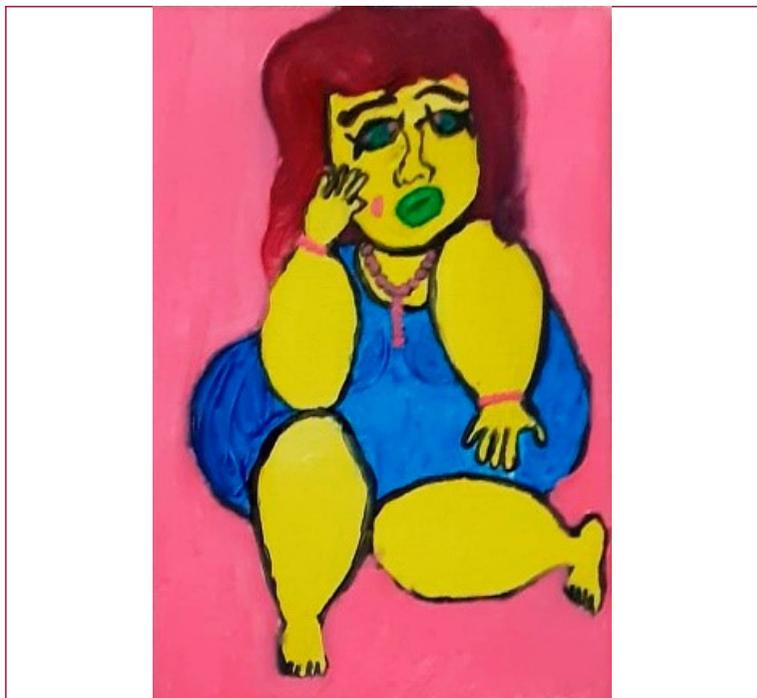
---

**Pseudônimo com que assina as suas produções artísticas o professor Marcelo Medeiros da Silva, docente do curso de Letras do campus VI da UEPB.**



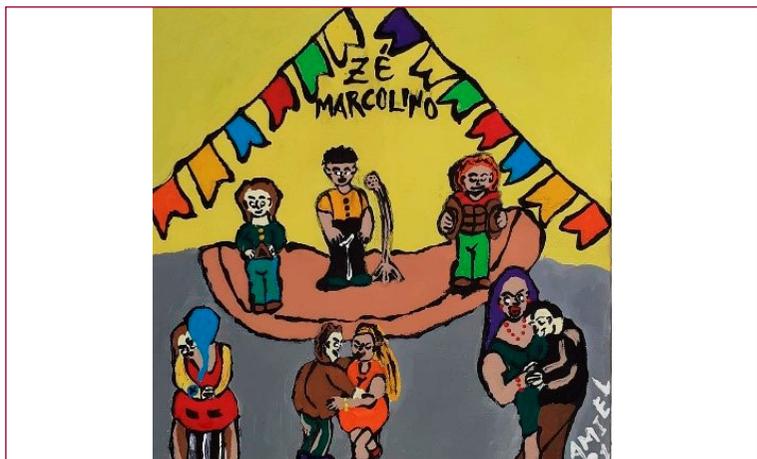
Mas outro efeito se formara: o desejo de pintar. A título de registro, a primeira tela que pintei foi esta que, posteriormente, sofreu umas alterações e foi dada de presente à professora Cristiane Nepomuceno:

Não houve planejamento prévio sobre o que pintar. Lembro-me diante da tela, riscando à grafite um círculo e, depois, quase que automaticamente, apagando e fazendo novos riscos



até chegar ao esboço dessa figura feminina de formas bastante acentuadas. Como não gostei do resultado com a tinta guache, já que não é o tipo adequado para pintura em tela, passei a usar PVA. Outros foram os efeitos. Do uso desse tipo de tinta, gostaria de trazer a seguinte tela:

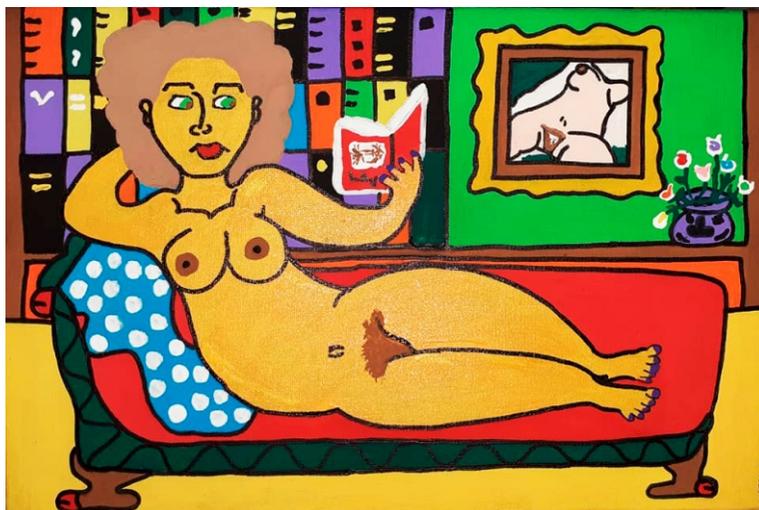
Essa tela foi feita a partir da sugestão de uma amiga, a professora Márcia do Nascimento, que trabalhou um tempo em Monteiro. Quando ela viu que eu estava pintando, pediu que fizesse algo que remetesse aos forrós em Monteiro. Um desses lugares a que mais íamos era, justamente, a Palhoça Zé Marcolino, que ficava no centro da cidade e na qual, sempre às sextas e sábados, havia um trio de forró pé-de-serra tocando



durante a noite. A Palhoça Zé Marcolino é um dos meus lugares de afeto em Monteiro porque, após o encerramento das aulas na sexta-feira à noite, ia lá para comer, beber e dançar com amigos/as e colegas de trabalho. Infelizmente, ela não mais existe porque foi destruída durante reforma na praça em que ficava instalada.

À medida que ia experimentando os tipos de tintas mais adequados para mim, um sujeito inexperiente no universo da pintura, passei também a pensar, mais conscientemente, sobre o que queria pintar. Aí passou a ser mais recorrente a presença de mulheres, do erotismo e dos livros, como podemos ver na tela abaixo, que hoje faz parte do acervo do poeta Lau Siqueira:

A escolha pela temática erótica é de cunho pessoal não só porque gosto de textos dessa natureza, mas também porque, no meu exercício como docente do curso de Letras em Monteiro, ministro a disciplina Literatura Erótica. Logo, o tema de minhas pinturas, nascidas durante o atual contexto em que vivemos, não está alheio a minha vida antes da pandemia. Tenho consciência de que o erotismo é um tema que gera bastante te(n)são. Talvez,



porque fiquemos apenas no que está cristalizado no senso comum e esquecemos que erótico está ligado a Eros, o deus que multiplica, varia a espécie e é, portanto, o símbolo de vida, desejo, força que nos impele a agir, a criar.

A palavra "erotismo" transcende a ideia de sensações genitais, esfera a que a circunscreve o nosso imaginário social. Ela engloba um conjunto de processos psíquicos desencadeados pela libido. Consequentemente, o texto artístico erótico "se constituiria em uma forma com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram", afirma Jesus António Durigan no livro Literatura e Erotismo. É, pois, esse espetáculo que tenho, de certa, forma passado a montar em minhas pinturas, com um destaque especial para a presença dos sujeitos trans.

Como sabemos, o Brasil é um país onde a discriminação em virtude da orientação sexual fomenta o genocídio da população LGBTQI+. As lutas encabeçadas por essa população não são somente por direitos, visibilidade, representatividade, mas, sobretudo, para garantir a própria existência, especialmente se levarmos em consideração os séculos de invisibilização e extermínio de que foram vítimas tais sujeitos.



Então, desde a pintura da primeira tela com tal temática, percebi que, se ainda é um tabu falar de sexo e sexualidade, mesmo quando os corpos representados são os de sujeitos legitimados socialmente, portanto, cisgêneros, heterossexuais e brancos, recrudescem-se mais ainda as interdições quando o objeto de representação erótica são corpos de sujeitos trans. Por isso, veio-me o desejo de pintar tais corpos, como um gesto político de naturalizar a sua existência, fomentar o respeito à diversidade sexual em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir na luta pela visibilidade trans.

A tela à esquerda foi a primeira que pintei dentro dessa temática e a à direita foi selecionada para participar da Mostra Internacional Naïf de Arte Erótica, que, realizada virtualmente, reúne quase cem obras de pintores brasileiros e estrangeiros, artistas que, pela história de vida, pela obra que construíram, são um verdadeiro patrimônio da arte naïf:

Pelo colorido, pela falta de conhecimento formal e técnico de arte, o que leva a uma simplificação de elementos em minha pintura, estou assumindo mais essa identidade que está a nascer: a de um pintor naïf, um sujeito ingênuo na técnica de pintar, mas bastante consciente de que a pintura é um ato político de intervenção em nossa realidade. Por isso, sigo, em traços, telas e tintas, falando de corpos, sujeitos e desejos dissidentes, mas também de flores, livros e outros temas conforme seja fisgado pelo meu instante poético.

Se foi uma surpresa me descobrir como “pintor” nessa pandemia, mais surpresa ainda foi saber que o que eu vinha fazendo poderia ser considerado com expressão da arte Naïf, como me alertara Val Margarida, idealizadora da Mostra Internacional Naïf de Arte Erótica, e a escolha da obra “As amantes”, acima à direita, veio como um estímulo a continuar não apenas mais entre os livros, mas também entre tintas e telas.

Pelo colorido, pela falta de conhecimento formal e técnico de arte, o que leva a uma simplificação de elementos em minha pintura, estou assumindo mais essa identidade que está a nascer: a de um pintor naïf, um sujeito ingênuo na técnica de pintar, mas bastante consciente de que a pintura é um ato político de intervenção em nossa realidade. Por isso, sigo, em traços, telas e tintas, falando de corpos, sujeitos e desejos dissidentes, mas também de flores, livros e outros temas conforme seja fisgado pelo meu instante poético.



# CONSTITUIR E RECONSTITUIR IDENTIDADES DOCENTES: O PIBID, ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Juarez Nogueira Lins (CI PIBID/UEPB)

A identidade profissional é um construir/reconstruir permanente, nunca estará pronta, acabada. Instável edifício, constitui-se de novos saberes. (LINS 2021).

Durante séculos, desde os primórdios até segunda metade do Século XX, a identidade docente trilhou caminhos sólidos, nas instituições de ensino. Nestas instituições – escolas e universidades – o “professor era o detentor do conhecimento”, o aluno, “desprovido de conhecimento” era o aprendiz, os conteúdos eram clássicos e metodologias tradicionais<sup>1</sup>. E esse modelo, apesar das mudanças crescentes, persistiu, mesmo fragilizado. E a identidade profissional seguiu a mesma trilha, se esfacelando aos poucos diante das novas demandas. E seguiram “resistindo”, a escola e o professor, identidades decadentes, ecos cada vez mais fracos, mais persistentes, na contemporaneidade. E resistir, nesse contexto, é manter a padronização.

No entanto, a sociedade contemporânea, da tecnologia, da informação, da rapidez, da descartabilidade, das incertezas da fluidez ou liquidez, como diria Bauman (2006), contribuiu para desestabilizar a solidez das instituições, e as referências que norteavam os sujeitos sociais. Se antes, o saber tinha um templo físico sólido, específico (a escola, por exemplo) hoje, na contemporaneidade/tecnológica, os espaços são virtuais, ilimitados. E os saberes, também.

*[...] O ambiente educacional era situado no tempo e no espaço. O aluno precisava deslocar-se regularmente até os lugares do saber – um campus, uma biblioteca, um laboratório – para aprender. Na era digital, é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender (KENSKI p. 32, 2003).*

Nesse viés, os sólidos cedem espaços para os fluídos, as informações voam, nas asas da “rede”. Assim, abalados em suas bases, as instituições de ensino e os sujeitos docentes, atores importantes para a constituição da sociedade moderna, buscam se adaptar aos novos tempos, aos anseios da contemporaneidade. Essa tarefa, entretanto, é complexa, tendo em vista, o caminho trilhado pelo Brasil, desde a colonização. E entre o novo (as): novos espaços (virtuais) de informação, novas exigências metodológicas, novos recursos didáticos, novos conteúdos, novos alunos – a cultura do ensino tradicional persiste e por que não dizer, resiste.<sup>2</sup>

E os resultados desse modelo de ensino – padrão – estão presentes nas avaliações nacionais e internacionais. Tais avaliações, apresentam um quadro desalentador (salvo algumas ilhas de excelência, em alguns estados do país), no tocante ao ensino-aprendizagem, principalmente, de Língua Portuguesa e Matemática. E esse quadro poderia ser pior, se incluídas outras

disciplinas. Tal situação agrava ainda mais as desigualdades nacionais, pois exclui, das instituições de ensino, uma grande parcela da sociedade brasileira, já excluídas de outras instituições públicas e privadas.

Nesse sentido, quem seria o (a) responsável por essa situação de “crise do ensino”. O poder público, as instituições de ensino, os professores? Culpabilizar “A ou B” não seria o caminho, mas investir na formação docente, à médio e longo prazo poderia ser um caminho, mais viável, nesse momento. Resistir à resistência em continuar com o ensino tradicional (padrão), resistir a qualquer tentativa de padronizar o ensino, direcionando-o a um determinado viés político, que infelizmente, já está presente no cenário educacional brasileiro e tenta reafirmar valores e ideais, já ultrapassados. Para enfrentar esse desafio se faz necessário investir na identidade docente dos (as) licenciandos (as) desde o início de seus cursos e, fortalecer a identidade docente dos professores (as) que atuam nas escolas básicas.

E uma dessas possibilidades para enfrentar a constituição ou reafirmação de identidades padronizadas é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência – PIBID, criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes através da Portaria Normativa nº 122, de 16 de setembro de 2009 (BRASIL, 2009), Trata-se de uma política pública, direcionada à formação inicial de professores, que tem como objetivo incentivar e qualificar a formação de estudantes que optaram pela carreira docente. O Programa visa aprimorar essa formação inicial de professores, possibilitando que os licenciandos se familiarizem com o ambiente escolar desde o primeiro ano da graduação. Esses licenciandos (bolsistas) entram contato com a realidade escolar, portanto, com as diversas situações presentes no contexto educativo (CAPES, 2020). E nessa perspectiva, promove, ainda, a articulação entre as escolas de ensino básico e as universidades, as instituições responsáveis pela formação de professores (as). E a participação do bolsista nessa formação, calcada na inter-relação entre escola e IES, torna possível constituir uma identidade docente firmada no modelo inovador da prática do futuro professor, como orienta o quarto objetivo do programa:

<sup>1</sup> Consistia na conceituação, classificação e exemplificação, método destinado à todas as áreas, com maior ou menor rigidez.

<sup>2</sup> Nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Aconteceu uma grande descontinuidade. (PRENSKY, 2001, p. 1)

IV) proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração o desempenho da escola em avaliações nacionais [...] (BRASIL, 2020).

A inovação pretendida, como se observa, não possibilita apenas uma construção identitária, em oposição a identidade padrão, que trouxe/traz poucos resultados para a escola, mas, apresenta um caráter de superação dos problemas da instituição escolar. Para Tardif e Lessard (2009) as experiências da formação levam os licenciandos a não somente a compreender o sentido da escolha da profissão e identidade, mas também influenciam nas suas práticas pedagógicas, como futuro professor.

E a influência dessa formação contribuiu para a formação continuada do (da) supervisor (a) da escola. Esse (a) profissional, que tem geralmente uma identidade definida, pode abarcar elementos da identidade que ele (a) ajudou a construir para o licenciando (a). E desse modo, esse (a) docente da escola básica, pode ser levado a reconstruir sua identidade, agregando novos saberes e refletindo sobre sua prática pedagógica.

Assim, o PIBID, através de sua ação conjunta, IES/Escolas, Licenciando(a)/Supervisor(a) se insurge contrariamente à constituição de identidades padronizadas, nas licenciaturas (formação inicial) e na reconstrução de identidades padrão, se estas existem nas instituições de ensino básico. Essa ação, se configura enquanto ato de resistência: de fazer escolhas ideológicas, como diz Perrenoud (2002), ato de construir muros, paliçadas, barricadas e fossos para resistir aos ataques que se insurgem, cotidianamente, contra os espaços destinados à constituição do conhecimento: as escolas, as universidades, esses espaços de saberes.

E mesmo que a sociedade deixe de acreditar na Educação como promessa de um futuro melhor, os docentes/novos docentes devem constituir suas identidades com uma atitude de resistência, inovação e esperança, opondo a tendências que reduzem a identidade docente a um conjunto de técnicas, e que contribuem para a crise de identidade dos professores (NÓVOA, 1995).

#### Referências:

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO Decreto Presidencial No. 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Disponível em. Acesso em: 22/11/2012. [2009].  
ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.) Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1992, p. 93-124.  
KENSKI, Vani Moreira. Tecnologia e ensino presencial e a distância – Campinas, SP: Papiros, 2003. (Série Prática pedagógica).  
NÓVOA, António. Vidas de Professores. Porto, Portugal: Porto Editora, 2 ed. 1995.

PERRENOUD, Philippe et al. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.



Imagem: Google Images

# NÓS DA/NA PANDEMIA: A DOCÊNCIA REMOTA

Paula Almeida de Castro<sup>1</sup>  
Luís Paulo Cruz Borges<sup>2</sup>

Foi em março de 2020 que tivemos nossas atividades acadêmicas suspensas. Assistíamos às notícias relacionadas a um vírus e passamos a conviver com os registros do aumento de casos de contaminação e mortes. Nós não tínhamos a dimensão do que estava acontecendo e o agravamento da pandemia na sequência.

Em março de 2021, comentamos que transcorrido um ano, não imaginávamos que, ainda, estaríamos vivenciando o medo e a insegurança, num turbilhão de emoções e sofrimento. Nesse contexto, como professoras e professores, nos reinventamos para a retomada das nossas atividades. Que sociedade estamos construindo? Quais os sentidos da educação diante do cenário atual? Como pensar políticas que mitiguem as desigualdades socioeducacionais?

Nós da/na pandemia é um relato/ensaio sobre a vivência docente com o ensino remoto intercalado com a vida doméstica (ou seria o contrário?). Em outros tempos, um encontro para planejar parcerias de trabalhos aconteceria em algum café, conversando sobre nossas atividades acadêmicas e pessoais. Encontros estes que sempre ocorriam em algum local que agregava livraria e café. A passagem pelos livros era de lei, nem que fosse para comentar sobre os preços, cada vez mais caros, das últimas publicações. Dessa vez, para compor esse relato, nosso encontro foi online com o Google Meet, mas, claro tinha café!

Esperamos que a nossa conversa enseje novas reflexões em tempos tão sombrios e inéditos. Relatos que assumem um ponto de vista autobiográfico daquilo que nos perpassa, nos mobiliza e afeta. Seguimos com a reflexão de Ailton Krenak<sup>3</sup> (2019), em ideias para adiar o fim do mundo, defendendo que precisamos empurrar o céu para cima e assim respirar! E, quem sabe, adiamos um pouco mais o fim do mundo...

## Como nos reorganizarmos para fazer caber vida pessoal e profissional no mesmo espaço?

Dividimos nossas narrativas em temporadas, seguindo a tendência mundial de séries em canais de streaming!

Quando, em função da pandemia, as aulas foram suspensas não sabíamos quanto tempo ficaríamos em isolamento social. O que, inicialmente, parecia uma medida que em algumas semanas nos possibilitaria retomar nossas atividades sem riscos à nossa saúde, acabou tornando-se uma situação sem tempo determinado para acabar. Foi necessário reorganizar as atividades do cotidiano para sobreviver. Sobreviver no sentido físico (muito tempo sentado, deitado...) e mental (preocupações excessivas com o futuro, esgotamento...).

Enquanto isso, em algum lugar do cyber espaço, começaram o compartilhamento de links para as reuniões, que

pareciam não ter mais fim. Lembramos de um “meme” que uma pessoa tinha medo de abrir a geladeira e ter um link do Meet. Era bem isso.

Essa foi a primeira temporada: muitas reuniões, conversas, elaboração de documentos e lives<sup>4</sup> (as lives permitiram a aproximação entre profissionais de diferentes áreas, instituições e países).

Na segunda temporada, as aulas foram retomadas no formato não-presencial, de acordo com o calendário das universidades. Antes da retomada das aulas, mantivemos contato com os alunos pelos grupos de whatsapp com trocas de conteúdos informativos. Como iniciariamos as aulas sem analisar as condições de conexão e dispositivos da comunidade acadêmica?

A preparação para a retomada das aulas online trouxe um sem-número de problemas, tais como: pacotes de internet (insuficientes), necessidade de reparos em computadores pessoais (câmera, microfone ou mesmo um computador novo), celular com memória cheia, a escolha pelo melhor espaço virtual, dentre outros.<sup>5</sup>

Resolvida essa etapa, nos concentramos na frente dos equipamentos para ministrar os conteúdos de componentes teóricos. Agora passamos a conviver com as câmeras fechadas, cadeira desconfortável, dor na lombar, dor nos joelhos, dor de cabeça, aumento do grau dos óculos e troca de lentes (bastante oferta de um tipo específico, a “lente azul”), tristeza, insatisfação e falta de esperança no futuro. Enfim, férias, mas sem viagens, sem comemorações de final de ano e então, aulas. É um calendário em branco, sem dias, meses, semanas ou feriados, ou seja, um continuum, diferente do estávamos acostumados.

Agora, na terceira temporada, as reuniões seguem um ritmo menos frenético do que na “primeira temporada”, houve uma retomada das lives, para resgatar esse espaço de discussão sobre temáticas que nos afetam enquanto docentes, funcionários públicos e cidadãos brasileiros. Ainda, assim onde deveria pairar um sentimento de adaptação à vida online, começam a surgir

<sup>1</sup> Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba. Outras informações <http://lattes.cnpq.br/7813446738576212>

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Outras informações <http://lattes.cnpq.br/0194486050835751>

<sup>3</sup> KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>4</sup> O conceito de “ao vivo” tomou o inglês emprestado e popularizou-se como “live”. As lives são transmissões, em geral, curtas e transmitidas através das redes sociais (Instagram, Facebook) e canais como o Youtube, dentre outros, utilizando os recursos do estúdio virtual do StreamYard.

<sup>5</sup> <https://aduepb.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Pesq-UEPB-Nota-ADUEPB-03jun2020VF.pdf>



Nunca passamos tanto tempo olhando para nós mesmos, como agora na frente do computador, um excesso de exposição com possíveis reflexos na autoimagem. Será que antes passávamos uma hora nos olhando no espelho? Em que pesem os muitos esforços em manter as atividades profissionais e assegurar alguma qualidade de vida, é preciso refletirmos sobre a condição docente hoje e para as próximas gerações. A questão que permeia nosso cotidiano: o que é ser docente hoje?

### Os nós da/na pandemia e a educação

Atualmente, em meados de 2021, com a vida caminhando a passos largos para o final do ano, seguimos dividindo nosso tempo entre a vida doméstica e profissional, com as lutas em defesa da vacina, pelos direitos dos professores durante a pandemia, contra a reforma administrativa, pela valorização da educação, pela formação de professores com qualidade, pelo financiamento público para as instituições públicas, sempre mantendo a vigilância para as estratégias que tentam diminuir o tamanho das instituições educacionais e a extinção do servidor público.

Há um registro das perdas nos processos de ensino e aprendizagem, apresentadas no relatório da FGV (2021), indicando de que forma a educação foi “profundamente atingida pela pandemia de covid-19: escolas no mundo inteiro fecharam, prejudicando profissionais de educação, estudantes e famílias numa escala sem precedentes” (p.2). Neste cenário, ainda que as tecnologias tenham se mostrado uma aliada ao processo, muito se perdeu, especialmente para os estudantes das camadas mais pobres da sociedade, evidenciando uma profunda desigualdade de acesso à internet e equipamentos para o acompanhamento das aulas online.

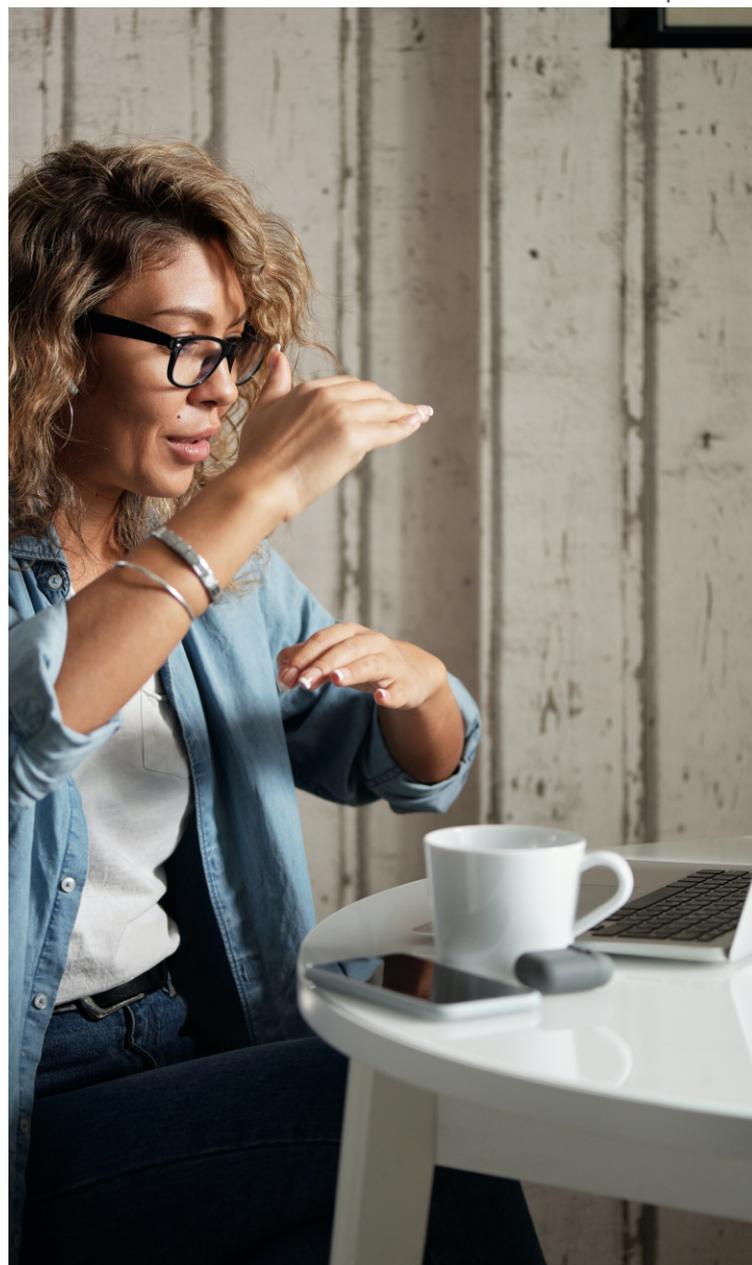
Como desataremos o nó educacional, já existente e agravado com a pandemia? Para além das teorias e políticas públicas (para diferentes setores da sociedade), vamos precisar redimensionar nossas formas de trabalho e nos entender enquanto pares. O que significa, trabalhar de forma colaborativa, integrando as experiências para promover inclusão educacional e formação profissional de qualidade. No tocante à formação de professores será preciso reforçar os programas que integram as ações das universidades com as escolas de educação básica, aproximando os saberes e fazeres dos sentidos da docência.

### Finalizando e aguardando

Esse ensaio traz algumas reflexões sobre nossas vivências docentes durante a pandemia. À medida que avança a agenda de vacinação no país, inicia-se uma nova temporada com as discussões sobre os planos de retomada das aulas presenciais. Ainda que sejam apresentados protocolos sanitários, com indicações de conduta para as instituições, não sabemos como será estar, novamente, de pé, diante de uma turma de alunas e alunos, sem câmeras fechadas e os “microfones abertos”, aguardando o início da aula. Seguimos aguardando e

fazendo o que é possível, mantendo a perspectiva de dias melhores, ou melhor, adiando o fim do mundo narrando nossas histórias, sigamos!

Foto: Matilda Wormwood - pexels.com



<sup>6</sup> [https://www.instagram.com/p/CQwfOcjBAC6/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CQwfOcjBAC6/?utm_medium=copy_link)

<sup>7</sup> Documento produzido a partir das discussões com representantes da reitoria da UEPB e da ADUEPB (disponível em: <https://aduepb.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Proc.-nº-06.485-2020-Minuta-de-resolução-acerca-de-direitos-e-garantias-dos-professores-no-per%C3%ADodo-da-pandemia.pdf>)

<sup>8</sup> Explicando a PEC 32/2020 é um material produzido pela ADUEPB sobre a Reforma Administrativa (disponível em: <https://aduepb.com.br/wp-content/uploads/2021/05/CARTILHA-REFORMA-ADMINISTRATIVA-compactado.pdf>)

<sup>9</sup> Síntese de evidências FGV Clear: Pandemia de covid-19: o que sabemos sobre os efeitos da interrupção das aulas sobre os resultados educacionais? Disponível em: <http://fgvclear.org/site/wp-content/uploads/sintese-de-evidencias-clear-lemann.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2021. <http://fgvclear.org/site/wp-content/uploads/sintese-de-evidencias-clear-lemann.pdf>.

# AÇÕES DA ADUEPB NO PERÍODO 2019-2021

Lourivaldo Mota Lima

## Como foi a vivência do movimento sindical durante a pandemia

O biênio foi marcado pela pandemia, o que tomou de surpresa o movimento sindical, justamente num momento em que a classe trabalhadora tinha pela frente desafios gritantes devido as manobras para a retirada de direitos e a precarização das condições de trabalho. Diante da impossibilidade de realizar manifestações nas ruas, desde o início do biênio, o movimento sindical tem buscado se adaptar para dar respostas as demandas

de última hora, no sentido de proteger o trabalhador e garantir a continuidade das atividades da organização sindical. O momento revelou a importância da representação sindical nos interesses da classe trabalhadora, porém fica claro a necessidade de repensar o movimento sindical de forma a recuperar sua legitimidade para enfrentar as dificuldades impostas pela configuração do trabalho no mundo contemporâneo



. Café da manhã do Fórum dos Servidores Públicos da Paraíba contra a Reforma da Previdência



. Reunião com o Secretário de Educação sobre as liberação das progressões



. Congresso ANDES/2020



. Articulação política do Fórum dos Servidores Públicos da Paraíba contra a Reforma da Previdência



. Ato Público contra a Reforma da Previdência



. Marcha pela vida das Mulheres e pela Agroecologia do Pólo da Borborema



. Marcha pela vida das Mulheres e pela Agroecologia do Pólo da Borborema



. Marcha pela vida das Mulheres e pela Agroecologia do Pólo da Borborema



. Ato Público - Um violador em Seu Caminho. Contra a violência e feminicídio.



. BNC hoje, conversando sobre caminhos, ações e resistências;



Saúde Mental em Tempos de Isolamento Social

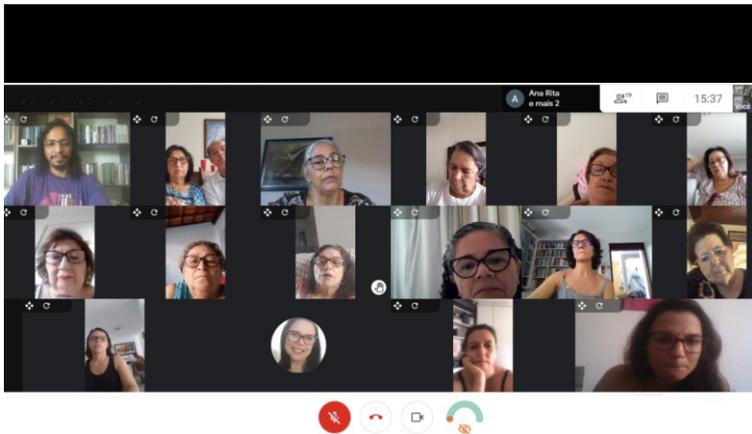


. LIVE - Saúde Mental em Tempos de Isolamento Social

Artistas e Pandemia: a Defesa do Espetáculo da Vida.



. LIVE - Artistas e pandemia - a defesa do espetáculo da vida



. Aula inicial da turma de espanhol para os aposentados



. Reunião da ADUEPB com o deputado estadual Raniere Paulino, líder do Governo



. Reunião da ADUEPB com o Secretário de Planejamento e Administração Gilmar Martins



. Bloco Mulheres da Rua II



. LIVE - São João ADUEPB 2021



. Ocupação da cozinha comunitária do Jeremias



. Ato FORA BOLSONARO

# O GRAU ZERO DA ESCRITA DO WHATSAPP: EDUCAÇÃO EM LÓGICA DE PLATAFORMAS

José Helber Tavares

Antes de entrar propriamente no tema da educação, faz-se necessário elaborar algumas reflexões sobre a linguagem e sua relação com a atual situação da sociedade brasileira. Das eleições de 2018, em que se evidenciou a influência direta dos disparos em massa nas redes sociais, para os dias atuais, já se passaram três anos de obscurantismo no sentido mais literal do termo: a posição sistêmica do poder estatal contra o fomento e difusão do conhecimento científico para a população. A eleição do atual presidente da república é o marco de um evidente mecanismo de produção discursiva desvinculada da realidade, com forte poder mobilizador nas redes. É um marco não apenas porque consolidou um modelo de ação política de extrema direita, mas também porque trouxe à luz do dia para todos o poder do maquinário tecnológico aplicado de maneira instrumental sobre uma comunidade de meios educacionais precarizados.

Antes da integração, que hoje se faz quase completa da sociedade civil às redes sociais e que desencadeia um cruzamento sofisticado entre dados pessoais e algoritmos, havia um sentimento de que “a revolução não seria tuitada”<sup>1</sup>, ou seja, que a ação nas redes teria alcance de transformação limitada em termos de aplicação na vida prática. Era como se houvesse uma existência virtual paralela às da vida cotidiana, onde as pessoas pudessem fazer uma simulação ficcional do “melhor eu” em interação com outros “melhores eus”. Os perfis nas redes sociais seriam moldados por fragmentos das experiências vivida, ora oferecendo um “plus” na sociabilidade, ora sinônimo de desentendimento por vezes radical e destemperado, mas que, por ser no campo do virtual, haveria uma leitura de que as redes eram distintas da vida prática e do discernimento moral. Para aqueles que se faziam valentes e corajosos de dizer “a verdade” na internet, ao encontro presencial de olhar nos olhos, o sorriso amarelo denunciava o lado performático do sujeito virtual.

Ainda que esta performatividade se faça presente no atual estágio das relações sociais virtuais, como por exemplo no sorriso amarelo ao vivo denunciando o sorriso branco da edição da postagem, as dinâmicas cognitivas de percepção das redes se alteraram completamente com o capitalismo de plataforma e aplicativos.

Pode-se dizer que, com o avanço da tecnologia digital, em cada novidade de aplicativo ou nova forma de expressão nas redes sociais, houve uma virada linguística que alterou o regime de percepção das redes. No atual momento, o Tiktok dá o tom da bobalização em pílulas do mundo. O que antes eram vidas paralelas integradas, em que a experiência empírica mediava a relação com a realidade virtual foi transformada em seu avesso e a sociabilidade real passou a ser composta por fragmentos da vida virtual. A rigor, este processo de alimentação moral, prático e estético da vida sempre esteve presente na interação com as redes, mas de forma incipiente. Quando passa a ser o processo

hegemônico de consolidação da identidade, em que a realidade virtual modifica através da mediação a experiência empírica, toda a base de existência sensível se reconfigura.

E é aí onde inicia a reflexão sobre a atual situação da educação: os impactos deste novo estado de uso da linguagem virtual na vida altera completamente como os sujeitos lidam com seus espaços institucionais. Em outras palavras, as mudanças de percepção que caminharam juntos com as mudanças tecnológicas transformaram também a maneira de representação do empírico, tornando maneiras de ler a realidade anteriores obsoletas. Ademais, quando entender a realidade a partir da intensificação da imagem-postagem como propaganda de si se reúne com a intensificação da propaganda mercadológica altamente direcionada pela acurada leitura dos dados de navegação, geram-se duas consequências: o apagamento do referencial do signo compartilhado, o que poderia ser denominado como grau zero da escrita do whatsapp, e sua implicação linguística na vida prática.

A postagem do whatsapp, o compartilhamento no facebook e o feed do instagram podem se transformar em atos independentes do real que implicam diretamente nos conceitos... do real. Ou seja, como uma ficção, há uma suspensão do referente em favor do ato comunicativo. Pegando emprestado um famoso conceito dialético, é a fantasmagoria da palavra, da imagem, do discurso. Tanto o referente empírico se apaga quanto o sujeito da postagem não pode ser mais reconhecido como o seu produtor, ignorando a própria produção textual que agora pertence às redes. Isso acontece através da já conhecida maneira implicativa das aulas de lógica: acarretamentos, pressuposições e implicaturas convencionais. A diferença é que, em comparação com outros campos legítimos de conhecimento, como a ciência, o jornalismo e manifestação institucional do estado (que pressupõem elaboração linguística sobre concretude dos fatos), a suposição da veracidade do que é vinculado nas redes se encontra na predisposição para aceitação do virtual como referente real, justificado e nomeado pelo grande guarda-chuva “visto na Internet”. É este ato de estar na internet agora a grande fonte de realidade, e assim, toda a parafernália de fakenews, textos apócrifos, linchamento virtual e negacionismo precisam desta condição de aceitação de uso da internet na sociedade civil. Desta forma, a atual crise do conhecimento que empurra a sociedade civil para o obscurantismo – cuja realização não se faz somente através do ocultamento das informações, mas entregando conscientemente uma linguagem sem referente - tem como fundamento o casamento oportunista entre analfabetismo funcional com analfabetismo virtual. O que posiciona pela enésima vez a educação no centro do debate político e social.

<sup>1</sup> GLADWELL, Michel. A revolução não será tuitada. In: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-revolucao-nao-sera-tuitada/> Acesso em 27/07/2021



A educação, crítica e orientada para emancipação passou a ser atingida diretamente por esta mudança da esfera pública virtual. Mesmo que a escola brasileira ainda não tenha alcançado sua melhor forma de oferecer esta emancipação, ela ainda age sob esta orientação. É uma ideia a ser alcançada do que propriamente uma realização. Mesmo assim, a concepção de autonomia a partir da educação passou a estar em risco pela ameaça dos modelos de uso das redes como referência global de informação.

A educação pública brasileira, como instituição escolar, teria uma inadequação por sua incompletude estrutural. Obsoleta diante deste universo das redes, obsoleta por seus modelos precários. Seus atores como professores, pedagogos e alunos ainda esperam por uma política pública de melhor infraestrutura e melhor política pedagógica que passem principalmente pela inclusão de todos os atores envolvidos na construção das decisões. Afinal, o tecnicismo administrativo (e político) das decisões educacionais age, por natureza, contra a própria educação e, por isso, muitas destas decisões estão fadadas ao fracasso aprioristicamente.

Some-se ao problema da distância entre mundo da vida escolar e mundo das redes sociais três inconvenientes contemporâneos catalisadores de precarização da educação. Primeiramente, um governo de direita que associa ao espírito crítico uma forma demoníaca de ameaça – e não uma forma de emancipação – e que, por isso, não apenas desidrata orçamentos e desmantela as políticas educacionais, mas entende a própria escola ou universidade como problema. Mas ameaça a quê? Ao obscurantismo inerente a direita política, claro. A bem dizer, obscurantismos de direita se combate com processos civilizatórios de emancipação. Quando estes processos civilizacionais estão enfraquecidos politicamente, o avanço da narrativa obscurantista se difunde com maior facilidade. A gripezinha, a cloroquina, a anti-vacina são exemplos desta mobilização sistêmica contra a ciência;

Segundo, uma visão neoliberal de que a escola deve recrutar seus participantes para a competitividade de mercado, prestigiando apenas àqueles que conseguem se destacar, por causas e fatores muitas vezes não escolares, em diversas competências. É uma reafirmação tanto da falsa visão de que a meritocracia funciona quanto da reafirmação da instrumentalização daquilo que não nasceu para ser instrumental, mas emancipatório, a saber a educação. Se o conceito de meritocracia carrega em si uma espécie de funil do mundo do mercado em que não existe condições de integração de todos através do trabalho, justificando a necessidade de uma guerra social chamada competitividade, nada mais oportuno para o neoliberalismo do que já cortar parte do processo na largada. Daí a conveniência de precarização escolar, falta de auxílios de equidade econômica e indiferença em relação às disfunções subjetivas durante os percursos, como depressão, ansiedade, cansaço e crises de pânico.

E por fim, como terceiro componente, some uma pandemia que empurra a precária educação para se associar ao campo da virtualidade e aos seus processos de compreensão e percepção do sensível. Vindo em favor do “corte” neoliberal. Há de

se pensar, diante do grau zero do whatsapp: O que diferencia um youtuber de um professor em frente a tela do Meet? Ou uma postagem de card de whatsapp de um slide preparado para a aula virtual? Um exercício de história no Google Formulários e uma enquete no BuzzFeed ou Instagram?

A educação, sob estes fatores (obscurantismo, neoliberalismo e política de ensino remoto) foi tragada para dentro do universo da “Internet”, pela urgência mal pensada de continuidade da educação, e agora participa ativamente da grande virada capitaneada pelo grau zero do whatsapp. Seu poder crítico e emancipatório, que sempre foi o principal objetivo, se encontra agora obrigado a disputar espaços discursivos que não faz parte de sua natureza, ou seja, em um campo minado pela falta de necessidade de referente factual, a educação se torna apenas mais um discurso.

A pergunta diante destes argumentos de conjuntura difícil poderia ser: qual seria, então, o caminho da educação mais apropriado? No atual momento, a situação nos impõe uma única certeza: está às portas de um retorno presencial significa também uma oportunidade política de não retornar àquilo que não funcionava em termos educacionais ao mesmo tempo que se tem a certeza daquilo que não se pode permanecer da pandemia. A consciência de que é necessário se fazer uma educação porvir dessemelhante do estado presente ou passado seria um bom sinal de retorno. Não das aulas presenciais, mas retorno da educação como emancipação. Theodor Adorno já deu uma lúcida pista, com a qual fecha-se este discreto ensaio:

*A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização dá mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.<sup>2</sup>*

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995. Pg. 155

# DESAFIOS PARA O SINDICATO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Deoclécio Ferreira Brito

A pandemia da covid-19 trouxe para a sociedade desafios, dificuldades, medos e a necessidade de se reinventar. No movimento sindical não foi diferente, de repente a luta sindical, que era de costume ser feita nas ruas e ocupando os espaços, se viu impossibilitada de seguir o rumo que intimida e amedronta os governantes e políticos, se aproxima efetivamente da sociedade e é a forma que “OS DE LUTA” gostam. OCUPAR, AGLOMERAR E LUTAR NAS RUAS.

Nesse sentido, a luta sindical teve que se reinventar e buscar outras maneiras de mobilizar suas bases e, conseqüentemente, fazer a luta acontecer. Foi fácil? NÃO. Não foi e não está sendo fácil, foi e está sendo um desafio, principalmente para o setor de comunicação do sindicato, uma vez que a principal forma de mobilização em tempos de pandemia tem sido campanhas em redes sociais, rádios e outdoors. Porém, como chegar à base, e principalmente, como mobiliza-la utilizando apenas esses meios? Não podemos esquecer que mesmo antes da pandemia o movimento sindical vem sofrendo grande dificuldade de mobilização e de trazer pessoas para a luta efetiva. Podia-se pensar que com a luta sendo feita através das redes sociais seria mais fácil o envolvimento das pessoas, afinal não teria a necessidade de sair de suas casas, seriam necessários apenas “alguns cliques”. Porém, não foi e não está sendo tão simples e eficiente assim. Vale ponderar que a base sofreu mudanças radicais na vida e no trabalho, visto que se depararam, de repente e de forma brusca, com o ensino remoto batendo na sua porta e com o aumento da precarização do trabalho docente, sem falar nas conseqüências psicológicas que vieram com a pandemia. Tudo ficou mais difícil, mas a luta é, e sempre será necessária para a classe trabalhadora conquistar direitos e consolidar os já existentes.

É nesse cenário que a Diretoria da ADUEPB, biênio 2019-2021, vem atuando e realizando a luta. É necessário lembrar que a atual diretoria já assumiu o sindicato tendo que encarar e lutar contra a proposta de reforma da previdência do governo do Estado da Paraíba, reforma essa muito pautada e parecida com a proposta de “passar a boiada” do governo federal. Como derrubar a proposta cruel de reforma da previdência, que ataca diretamente os direitos dos trabalhadores, em plena pandemia e sem possibilidade de mobilização das ruas? Estava posto o primeiro grande desafio, mas infelizmente não foi o único, na sequência veio a luta contra o ensino remoto, veio também a luta mais do que justa para a liberação das progressões funcionais dos docentes e técnicos da UEPB, congeladas por alguns anos. No entanto, a luta foi feita, pois ESTE SINDICATO É DE LUTA e é assim que sempre deve ser.

A ADUEPB se reinventou em meio aos desafios impostos pela a pandemia e as conquistas, mesmo em tempos difíceis, vieram. A reforma da previdência infelizmente foi aprovada, porém

foi amenizada e vários pontos danosos aos servidores foram retirados, graças à luta desse sindicato em conjunto com as entidades que compõem o fórum dos servidores do estado da Paraíba. As progressões funcionais relativas aos anos de 2018 e 2019 foram liberadas, uma grande conquista para a categoria, graças também à luta deste sindicato.

Os desafios pararam? Não, não pararam. A luta para liberar o restante das progressões e os retroativos continua, a luta para garantir a volta às aulas apenas com vacina para todos e com condições seguras está sendo feita, a luta contra a PEC 32 (reforma administrativa), urgente e de grande importância, também está sendo feita, pois este SINDICATO É DE LUTA.

Diante de tudo, percebe-se que os desafios em tempos difíceis de pandemia e de ataques frontais à classe trabalhadora são muitos, percebe-se também que a única forma de vencê-los é lutando, que a luta organizada é necessária e que o sindicato exerce papel fundamental nela. A pandemia e a necessidade de reinvenção veio confirmar que, independente de ser na rua ou em redes sociais, em tempos de pandemia ou normalidade, a luta necessita ser coletiva e com a participação de todas e todos.

Uma diretoria de sindicato sozinha não tem muita força, no entanto, unida e com a participação efetiva da sua base é extremamente forte. A luta foi feita, está sendo feita e será feita, pois este SINDICATO É DE LUTA e sua diretoria também.



# MEMÓRIA DA LUTA: RESISTÊNCIA CONTRA O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA.

Diretoria da ADUEPB<sup>1</sup>

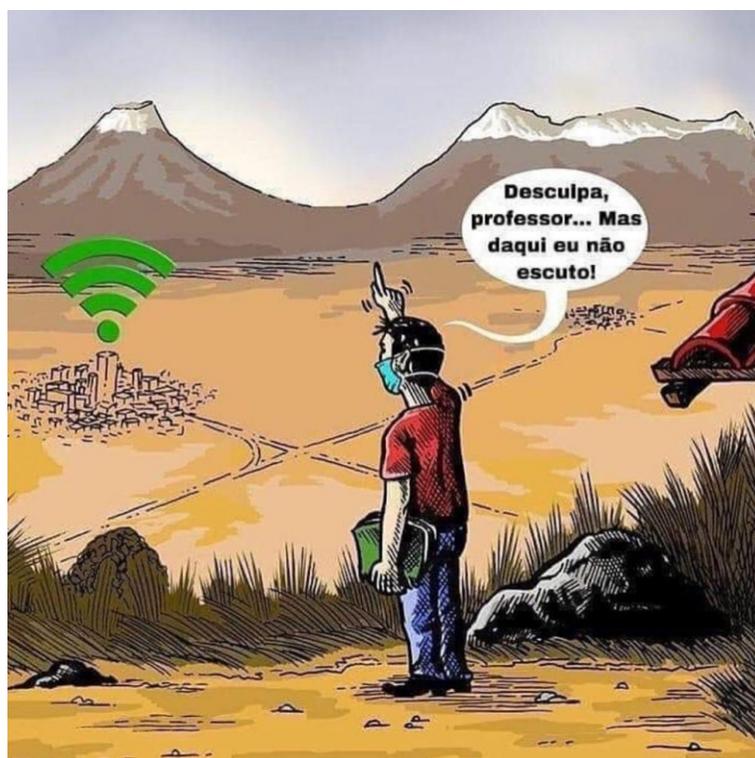
A ADUEPB- Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba reconheceu desde o início o caráter extremamente sensível e difícil do momento histórico em que o mundo estava passando com o avanço da pandemia do novo coronavírus (COVID-19).

A situação na Paraíba, assim como o resto do mundo, vinha se agravando a cada dia. Com a catástrofe sanitária se avizinando, a ADUEPB vinha tomando medidas que estavam em concordância com as orientações da Organização Mundial da Saúde – OMS para combater a disseminação do vírus. Deste modo, a suspensão das atividades letivas da UEPB foi uma decisão de maneira acertada para a preservação da vida. O sindicato apoiou e saudou a ação de todos os docentes da UEPB que já se encontravam em inúmeras atividades diretas e indiretas para o combate da COVID-19, para além das rotinas acadêmicas regulares.

Algumas destas ações, em plena pandemia, evidenciaram não apenas a importância social e a seriedade profissional dos docentes da UEPB como também demonstraram o quanto a relação da universidade com a sociedade é mais ampla do que pensam setores que têm atacado constantemente o funcionalismo público universitário. Entre as ações realizadas nos primeiros meses do ano de 2020, no combate a disseminação do Covid-19 estavam: criação de ventiladores pulmonares; produção em larga escala de álcool em gel; auxílio psicológico remoto para os profissionais da saúde; produção de protetores faciais; plataforma de monitoramento remoto do Covid-19; arrecadação de doações e distribuição de cestas básicas para a comunidade.

Assim, a ADUEPB, em consonância com a linha de posicionamento do ANDES-SN (Nota de esclarecimento do dia 18 de março de 2020), lançou a primeira nota de posicionamento desta Seção Sindical, no dia 27 de março de 2020, em relação a Instrução Normativa Nº 001/2020 emitida pelo Gabinete da Reitoria da UEPB – tal instrução inclusive é anterior ao próprio Parecer do CNE 5/2020. A ADUEPB entendia que havia incompatibilidade entre a Portaria da Reitoria UEPB/GR/0014/2020 que suspendeu todas as atividades letivas e, dois dias depois, publicar uma instrução normativa que permitia e incentivava a continuidade das aulas em ambiente virtual, inclusive possibilitando o registro das atividades no controle acadêmico.

Essas ações foram realizadas sem diálogo prévio com a comunidade acadêmica acerca das questões técnicas, pedagógicas, políticas e humanas dos que faziam e fazem a universidade. Entendeu-se que, pelo Regimento Geral da UEPB, e assim como aponta o OFÍCIO/UEPB/PROGRAD/009/2020 dos altos desta consulta processual, somente os conselhos das instâncias superiores (CONSEPE e CONSUNI) poderiam dar consentimento à modificação dos Projetos Pedagógicos dos



Cursos para que o semestre letivo tivesse sua continuidade em plataformas virtuais acima dos 20% (Portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018). Entendeu-se assim que acima desta porcentagem, as aulas realizadas em plataformas digitais, já de baixo aproveitamento educacional, não teria efeito legal para a continuidade das disciplinas. A ADUEPB, em seu dever de proteção da categoria, entendeu que o docente poderia se sentir prejudicado em ministrar aulas que não podem ser reconhecidas como legítimas dentro do Regimento Geral da instituição, e esclareceu aos seus associados sobre a situação.

A nota lançada pela ADUEPB em 27 de março de 2020 tinha em seu conteúdo o compromisso e dever de estar à disposição dos seus docentes, auxiliando-os na prevenção e amparo, para qualquer situação de coerção para volta das aulas virtuais, já que a Instrução Normativa Nº 001/2020 deixava claro que a opção de aulas virtuais é facultativa para o docente. Além disso, a PORTARIA nº 343 do MEC de 17 de março de 2020 em que autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas remotas teria como objetivo deixar amparadas legalmente as universidades para este tipo de implantação. No entanto, isso não qualificaria uma obrigatoriedade, e ficaria a depender da autonomia pedagógica de cada instituição educacional.

Foi neste contexto de construir saídas para a educação superior no momento de pandemia que a ADUEPB se colocou

<sup>1</sup> Compõem a diretoria e assinam este artigo: Mauriene Freitas, José Helber Tavares, Lourivaldo Mota, Maria Margareth de Melo, Edson Holanda, Paula Castro, Deoclécio Brito.



como defensora de uma discussão ampla com toda a comunidade acadêmica para a instauração de uma saída democrática e menos danosa à instituição, pois seu posicionamento era contrário à Instrução Normativa Nº 001/2020. Na nota lançada pela ADUEPB recomendava-se que: “Na busca da preservação da saúde mental e para evitar qualquer prejuízo para nossos docentes, informamos que se algum colega se sentir pressionado a participar ou produzir aulas virtuais, disponibilizaremos nossa assessoria jurídica para orientá-los e apoiá-los. Torcemos e aguardamos que os efeitos da pandemia seriam rapidamente minimizados e que o semestre letivo fosse retomado em segurança em todos os campi”, demonstrando uma prevenção contra qualquer tipo de exigência e precipitação em formato de coerção.

Como compromisso inalienável da ADUEPB com seus sindicalizados, era nossa obrigação chamar atenção, com bastante preocupação, para a questão das condições dadas na implantação apressada, e sem planejamento, destas aulas virtuais sugeridas pela Instrução Normativa Nº 001/2020. Sabendo-se que a transição do funcionamento presencial das aulas para uma inesperada mudança por aulas virtuais não se configurava como uma mera readequação de metodologias, mas uma completa substituição do paradigma educacional do ensino superior, no âmbito das relações de ensino-aprendizagem, de recursos pedagógicos, de suportes tecnológicos e de relações interpessoais e institucionais. Diante disso, o posicionamento da ADUEPB foi contrário às aulas virtuais na UEPB e se fundamentou em:

a) a falta de capacitação e orientação para os docentes não habilitados com a tecnologia educacional à distância;

b) a falta de consulta aos departamentos e coordenações dos cursos sobre a viabilidade de quais componentes poderiam ser implementados virtualmente, haja visto que existem aulas e estágios de caráter experimental, laboratorial, clínico e de campo, são indissociáveis da relação teoria e prática, e por isso, inviável no escopo de um ensino à distância;

c) falta de planejamento pedagógico apropriado ao docente;

d) procedimentos de cuidado adequado com a condição psicológica do profissional de ensino diante da situação de crise pandêmica sanitária, como levantamento de grupos de risco, instabilidade domiciliar, violência doméstica e da condição da saúde mental dos docentes e seus familiares em momento crítico da humanidade.

A ADUEPB sendo uma seção sindical do ANDES-Sindicato Nacional, e como tal, sempre tem se norteado pelo o posicionamento desta, já que constrói e constitui as decisões políticas retiradas pelo Sindicato Nacional. Na avaliação do ANDES-SN, expressada em nota pública já mencionada, do dia 18 de março de 2020, sobre a proposta do Ministério da Educação de EAD em substituição ao ensino presencial, a defesa de aulas online desconsidera o caráter pedagógico das aulas presenciais e as especificidades de cada disciplina e curso, além de incentivar uma forma de ensino que não deve ser a principal, mas apenas suporte para os(as) docentes. Diante disto, a ADUEPB se viu no dever de informar aos seus sindicalizados que à época, apenas 6 das 69 universidades públicas federais adotaram o ensino a distância como forma de continuidade de suas atividades na pandemia, o que demonstrava uma consonância de posição do sindicato com as perspectivas adotadas na comunidade acadêmica de ensino superior de todo o país.

Somados ao fator supracitado, a situação orçamentária de cortes de repasses à UEPB na última década, com a explícita política de redução do financiamento público da instituição, preocupava a entidade no sentido de que a aplicação do ensino virtual servisse de justificativa para cortes orçamentários maiores e para desmonte da educação pública estadual. Segundo pesquisa do DIEESE, baseado no Portal da Transparência da UEPB, de 2009 a 2019, o Governo Estadual vem gerando uma dívida progressiva no repasse do duodécimo para a UEPB que já acumula R\$ 722.961.964,54 de perdas para a instituição de ensino. Somente em 2019, foram bloqueados R\$ 145.754.835,50.





Isto teve um impacto negativo em todos os âmbitos da universidade, no ensino, na pesquisa e na extensão. A ADUEPB entendeu que a implementação de cursos com aulas virtuais é uma etapa avançada de uma política educacional de legitimação destes cortes orçamentários, isto é, uma política de rebaixamento da qualidade do ensino para ajuste de cortes orçamentários, ou como diria as palavras do ex-Governador Ricardo Coutinho, a UEPB teria que "calçar o sapato que desse no seu pé".

A preocupação se deu, principalmente, levando-se em consideração que os modelos de ensino virtual possuem natureza diferente do ensino presencial. Assim, a entidade advertiu sua categoria para o fato de que aulas virtuais têm acelerado o processo de precarização do trabalho docente. Para ilustrar tal precarização, lembremos dos sistemas de ensino privados, como o Grupo Laureate, após a aprovação da reforma trabalhista implementada pelo Governo Temer, demitiu 120 professores e os substituíram por robôs sob argumento de "aproximar presencial ao virtual", como apontado na imprensa nacional. (Matéria da Folha de São Paulo de 14 de maio de 2020).

Somados a isso, O PARECER CNE/CP Nº: 5/2020 do Conselho Nacional de Educação deixava claro que, seguindo a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação-, aulas virtuais eram apenas uma das formas de mediação a distância, entre outras possibilidades, para cumprimento da carga horária mínima de um componente escolar.

A ADUEPB compreendia que a UEPB tinha autonomia para debater internamente suas principais estratégias diante da situação de emergência, aparada na Lei Estadual 7643/2004 que dava a esta instituição autonomia didático-científica para decidir suas soluções em situações emergenciais, inclusive, para escolher as demais alternativas dadas pelo referido parecer do CNE.

Foi este processo de discussão que a ADUEPB fomentou e contribuiu visando a elaboração de uma política pública educacional institucional que não atingisse, de maneira negativa nem as condições de trabalho dos docentes, nem a qualidade do ensino oferecido pela instituição.

Para tal implementação aligeirada por parte da gestão da universidade, não havia subsídios confiáveis que embasassem tal decisão. É importante ressaltar que o levantamento do perfil tecnológico dos docentes e discentes da UEPB, segundo a Reitoria, ainda estava em fase de processamento de dados, sem apresentação pública dos resultados para apreciação. Sem o conhecimento da comunidade acadêmica, ficaria inviabilizado uma estratégia mais eficaz para possibilidade da implementação deste ensino virtual tal como recomendado pelo CNE.

Entretanto, segundo os dados do PNAD-2017, apenas 36% dos domicílios na Paraíba possuíam concomitantemente computador/tablet e banda larga, o que demonstrava uma inviabilidade técnica longe da saída adequada ao acesso remoto para @s discentes da nossa instituição, principalmente quando pensado nas realidades dos Campi fora do Eixo João Pessoa-Campina Grande em relação a todo o Estado, com parte significativa do alunado vivendo em residência rural, o que dificultaria qualquer acesso a plataformas virtuais.

Ademais, a ADUEPB vinha acompanhando com muita

preocupação a própria metodologia que a UEPB encontrou para fazer o levantamento do perfil tecnológico dos seus alunos e professores. Nos soava estranho e tautológico fazer uma consulta virtual a comunidade sobre quem tem acesso virtual, tornado a pesquisa uma contradição em termos, já que, em tese, somente seria possível aferir o posicionamento daqueles que possuem aparelhos eletrônicos e acesso à internet, descartando, desta forma, o público mais atingido por essa desigualdade social que tanto nos preocupava.

Esta consulta gerou uma série de problemas, já que ela não está atrelada ao sistema acadêmico ou cadastral da universidade, mas sim, seus dados foram captados através de ferramentas Google, sendo passível, por exemplo, de preenchimentos de dados aleatórios ou por terceiros intencionados. Isto colocava para nós os dados em suspeição de credibilidade.

A ADUEPB alertava sua categoria nos espaços de debate dentro da UEPB sobre a necessidade de condições reais a partir de diagnósticos precisos de problemas desta natureza. Desta maneira, com o diagnóstico ainda em processamento pela UEPB, tornava a Instrução Normativa Nº 001/2020 precipitada.

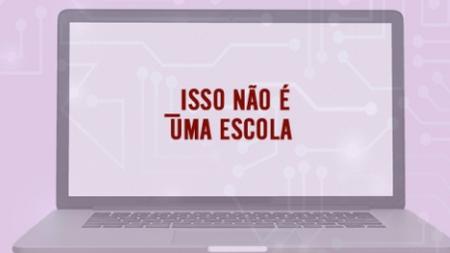
É mister lembrar que a entidade não possuía nenhum poder representativo, administrativo ou gerencial sobre qualquer decisão dos órgãos deliberativos da UEPB, cabendo ao sindicato estimular um debate sério e atenção sobre possíveis abusos e perdas de direito da categoria docente. A ADUEPB acreditava que os procedimentos para a implementação do Gsuite como forma de garantia da continuidade das aulas presenciais feitos pela UEPB, transferiu responsabilidades para os docentes quando não seria da competência deste agir sozinho, já que determinava na prática para os docentes as responsabilidades de:

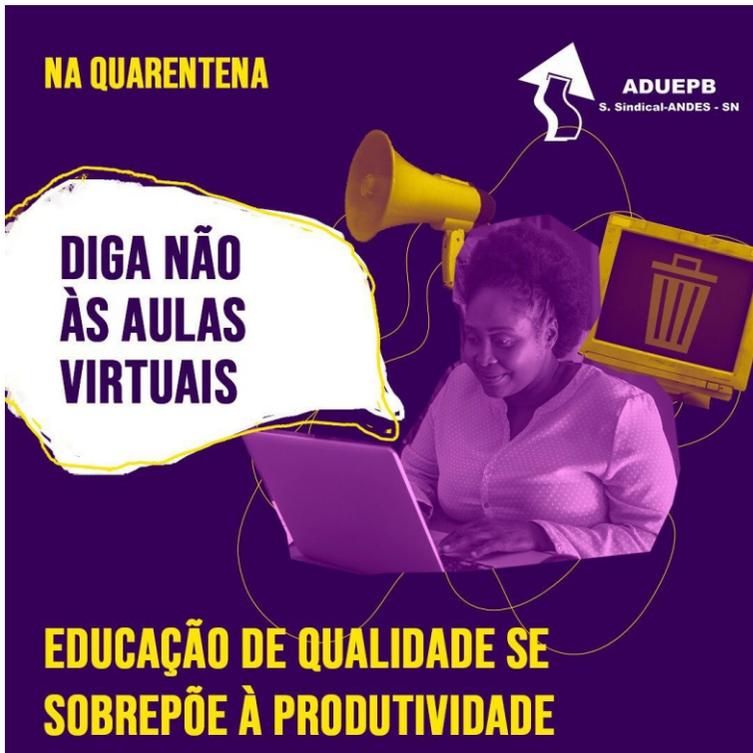
- fazer contato e formar as turmas nas salas virtuais;
- implementar usos de ferramentas virtuais sem capacitação ou planejamento didático-pedagógico;
- garantir a viabilidade técnica e tecnológica para as aulas;
- agir sem qualquer acompanhamento ou consulta dos

28 DE ABRIL

## — DIA INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO

“ Aplicação de **AVANÇOS TECNOLÓGICOS COM O SACRIFÍCIO DE MILHARES DE PESSOAS** é um exemplo a mais de quanto podemos ser **TRANSGRESSORES DA ÉTICA UNIVERSAL DO SER HUMANO** e o que fazemos **EM FAVOR DE UMA ÉTICA PEQUENA, A DO MERCADO, A DO LUCRO.**”  
(PAULO FREIRE)





departamentos, coordenações, colegiados ou núcleo docente estruturante.

A ADUEPB se posicionou contrária a esta sobrecarga de atividades administrativas que recaíram sobre a categoria dos docentes e, como dever sindical, alertava aos seus associados sobre este problema. Assim, cumprindo seu papel sindical ao questionar pontos que necessitavam de discussões mais aprofundadas, a entidade questionou e discordou das precipitadas medidas emergenciais que a gestão da universidade tentou adotar com a implantação do ensino remoto como solução educacional para o tempo de quarentena. Dúvidas não esclarecidas sobre, por exemplo, o aparato tecnológico do GSuite fornecido pelo Google de maneira gratuita para a UEPB não passou por qualquer esclarecimento de como poderia funcionar a privacidade de dados dos docentes e discentes, principalmente quando se referia a propriedade intelectual do professor(a). A ADUEPB sempre levantou o debate sobre os possíveis danos sociopolíticos da adoção de infraestruturas e serviços de tecnologias de comunicação corporativos no ambiente educacional universitário.

A adoção do GSuite como tecnologia de armazenamento e instrumento de trabalho remoto para resultados de pesquisas, experimentos, artigos, aulas gravadas entre outras atividades, colocava em discussão a preocupação com a propriedade intelectual, a privacidade e o problema da vigilância. Além disso, a universidade não apenas deixava de investir em tecnologia da informação própria como acabava dispondo sua propriedade intelectual para um conglomerado privado que não nunca deixou claro, para a própria instituição, as informações relativas ao acordo de privacidade estabelecido na parceria.

Um outro fator negligenciado nesta discussão foi a que versa sobre as questões de gênero. Por mais que a sociedade tenha trazido à baila a discussão sobre o trabalho não remunerado, da sobrecarga que é a responsabilidade feminina no que diz respeito ao Cuidado, nenhum desses fatores ajudaram a influenciar as

decisões sobre a implantação do Ensino Remoto na Instituição. Mesmo tendo uma gestão que se reconhece como progressistas, na qual a temática de gênero, quando conveniente, ocasionalmente aparece, elas não foram incorporadas na prática, ou seja, na resolução.

É comum escutar de homens progressistas como eles participam, mesmo que minimamente, do cuidado com os filhos, mas esses mesmos homens, quando em suas instâncias laborais, especialmente naqueles que decidem sobre a normatização de um conjunto de trabalhadores, não se propõem em elaborar dinâmicas específicas para contemplar trabalhadoras em situação de sobrecarga, propagando assim um modelo patriarcal de divisão sexual do trabalho e suas consequências para as mulheres. Assim, tratando a classe trabalhadora de forma homogênea, como se elas fossem iguais em suas condições de trabalho e responsabilidades, a resolução do Ensino Remoto perdeu a chance de fazer mudanças estruturais dentro das dinâmicas trabalhistas instituída na Universidade Estadual da Paraíba. Tal inércia, prejudicou todas as mulheres que compunha a comunidade acadêmica, independente de segmento e classe social.

Nossa crítica não se limitou a condição de trabalhos d@s docentes. Sempre nos preocupou a situação dos discentes da instituição. Por isso, em solidariedade a estes, nós sempre reforçamos a nossa posição crítica diante da inviabilidade do ensino virtual e seus impactos na trajetória acadêmica do alunado. Não era possível concordar com a implementação do ensino virtual sem a universidade ter preparado um plano de ação claro que garantiria que nenhum de seus discentes matriculados saíssem prejudicados com as alternativas emergenciais adotadas no período da suspensão das aulas presenciais. O ensino remoto evidenciaria uma estratificação acadêmica, dividindo os discentes entre aqueles que possuíam estrutura tecnológica completa e infraestrutura doméstica adequada para atividades virtuais daqueles alunos que não possuíam tais condições. A esses últimos, o temor era de que o número de evasão de discentes dos cursos, além de sentimento de inferioridade e exclusão social, estimulasse o abandono do ensino superior. Uma amostragem séria sociocultural e econômica dos alunos evidenciaria estas fraturas, como se constata no número de candidatos à bolsa manutenção da instituição.

Sem esquecer que 50% das vagas da UEPB são destinadas para alunos oriundos da escola pública, era previsível acreditar que boa parte desses alunos com menos condições materiais necessárias para o acompanhamento do ensino remoto, já que desigualdade tecnológica é obrigatoriamente desigualdade social, estariam desprotegidos. Além disso, após a adoção das práticas de ensino remoto haveria no retorno das aulas presenciais quando as condições de reabertura fossem favoráveis, a garantia de aulas presenciais extras para os alunos que não possuem condições de aulas virtuais, sem que isso os colocassem em pé de desigualdade daqueles que teve as condições materiais para o Ensino Remoto?

Um dos aspectos mais preocupantes era da ordem pedagógica. Levando em consideração de que as aulas virtuais promoveriam prejuízos no processo de ensino-aprendizagem, como faríamos para "consertar" esse déficit na formação do

# ENSINO REMOTO QUE ADOECE DOCENTES?



TÔ FORA!

**ANDES**  
SINDICATO NACIONAL  
ESP - CONLUTAS



andes.sindicatonacional

noss@ alunad@ após a dissolução da pandemia? Como ficariam as disciplinas não teóricas? A situação se agravava quando pensado nos estágios supervisionados, laboratórios, aulas de campo, aulas práticas e experimentos científicos. No entender da ADUEPB sempre foi indelével que nenhum aluno saísse prejudicado e, por isso, dividir os discentes entre aqueles que teriam aula virtual daqueles que não, não ofereceria a isonomia educacional. A situação da precarização do trabalho docente se agrava ainda mais neste contexto, já que a carga horária de trabalho, em hipótese, pode ser duplicada com uma aula virtual e, na futura reabertura, uma aula presencial.

ADUEPB nunca foi favorável à implantação emergencial, despolitizada e desorganizada de qualquer sistema de ensino remoto, pois entendia, por princípio, que a completa virtualidade das aulas na educação é contrária: a) à proteção e qualidade de condições de trabalho docente do ensino público, imprescindíveis sob qualquer circunstância; b) ao combate à precarização da educação pública; c) à urgência de defender a universidade pública como uma das principais instituições promotoras de igualdades sociais, e não de reforçar segregação. A ADUEPB entendeu que no momento crítico e de incertezas, a ação mais urgente era a defesa pela suspensão por tempo indeterminado do calendário acadêmico até que houvesse condições sanitárias e políticas para um retorno seguro e que fosse construído de forma democrática e estruturada, como também baseado na preservação da vida e na garantia de que todos os docentes e discente deveriam ter a qualidade do ensino-aprendizagem assegurada.

No entanto, em 26 de junho de 2020, após 7 reuniões conjuntas dos conselhos da Instituição, foi aprovada a resolução que normatizava o Ensino Remoto na Universidade Estadual da Paraíba. Mais uma vez, a ADUEPB esteve presente na reunião e defendeu seu posicionamento minoritário. Os representantes dos Consepe e Consuni decidiram por aderir ao Ensino Remoto. Questionada após a definição dos resultados sobre a

possibilidade da judicialização da decisão, a diretoria da entidade informou que o processo democrático cumpriu seu papel e que o resultado da maioria deveria ser respeitado.

Mas o papel da entidade sindical não se encerrou aí. Com a liberação judicial que permitiu e reconheceu as assembleias virtuais em decorrência da pandemia, a entidade pode chamar a categoria para discutir as questões que envolviam os docentes da UEPB. A possibilidade de realizar assembleias, ainda que de modo remoto, pôde dar a diretoria da ADUEPB, além de legitimidade, a real dimensão dos danos do ensino a distância naquele contexto. Os docentes associados, na assembleia, puderam expor inúmeras preocupações e deliberar, de forma coletiva, pontos cegos da política de implementação do ensino remoto na UEPB. Assim, levando em consideração tais apontamentos, logo após o início da primeira fase do calendário acadêmico remoto, a diretoria solicitou em audiência com a gestão da universidade, a criação de um grupo de trabalho que construísse conjuntamente uma resolução interna que protegesse os docentes em meio a vulnerabilidade que propiciava o ensino remoto. Assim nasce a resolução 00344/2020, aprovada em 10 de dezembro de 2020 que tratava dos direitos e garantias dos docentes e outras matérias relacionadas ao exercício de atividades acadêmicas em meio a pandemia da COVID-19.

O Ensino Remoto Emergencial tem a previsão de finalização total em abril de 2022. Até lá, vários foram os desafios que os docentes enfrentaram com essa "modalidade de ensino". Nesse meio tempo, a ADUEPB também lançou consulta para saber as condições de trabalho, estado de saúde e avanços/retrocessos pedagógicos percebidos pelos docentes no desenvolvimento acadêmico dos discentes sob sua supervisão. Os resultados podem ser consultados na revista da entidade, A ADUEPB em Debate, primeira publicação acadêmica da entidade nesses 42 anos de existência, executada por esta diretoria.

## REFERÊNCIAS

[https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf)

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/b3TVbVHcCZRxkVZPF6PHF/?lang=pt>

<http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/374>

<https://jus.com.br/artigos/89365/o-ensino-remoto-durante-a-pandemia-e-a-protecao-dos-direitos-autorais-dos-professores>

## Pesquisa

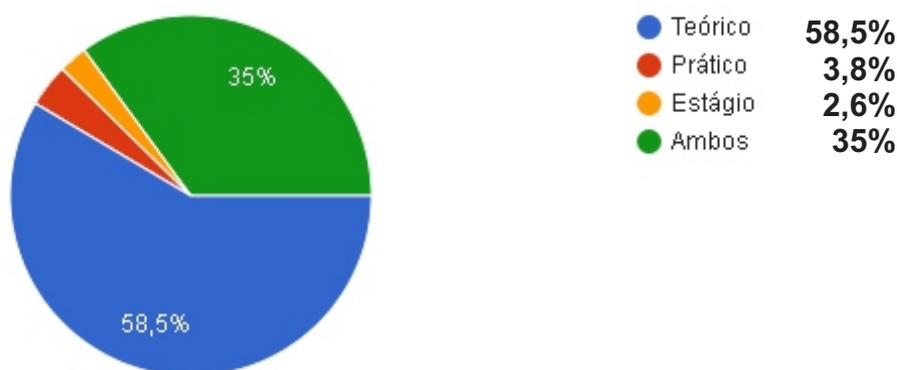
# CONDIÇÕES DE TRABALHO, FÍSICAS E MENTAIS DOS DOCENTES DA UEPB COM A UTILIZAÇÃO DO ENSINO REMOTO

1

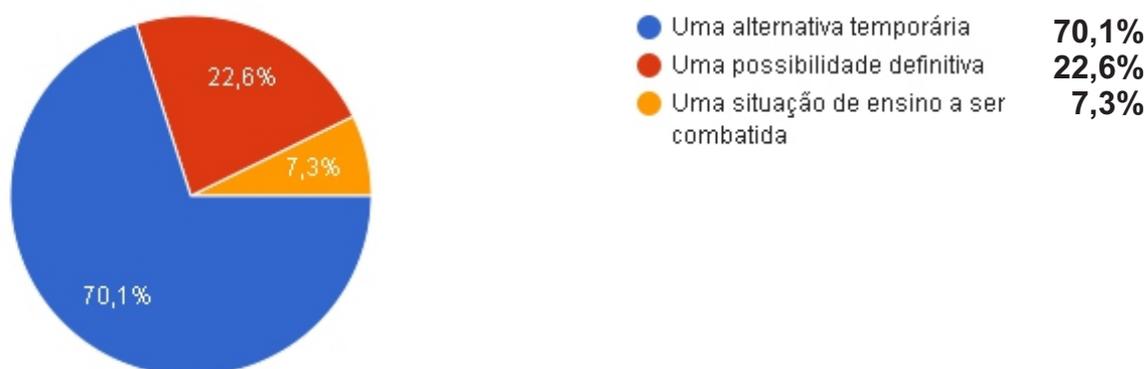
Pesquisa realizada com docentes da UEPB no segundo semestre de 2021.

Público: Masculino: 51,8% | Feminino: 48,2%

### Ministra Componente

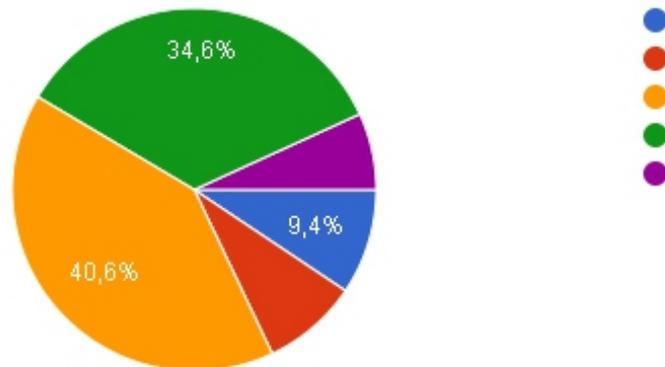


### O ensino remoto pra você é:

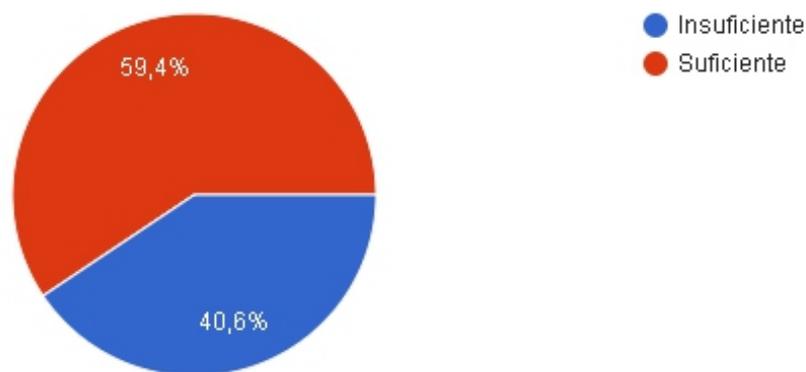




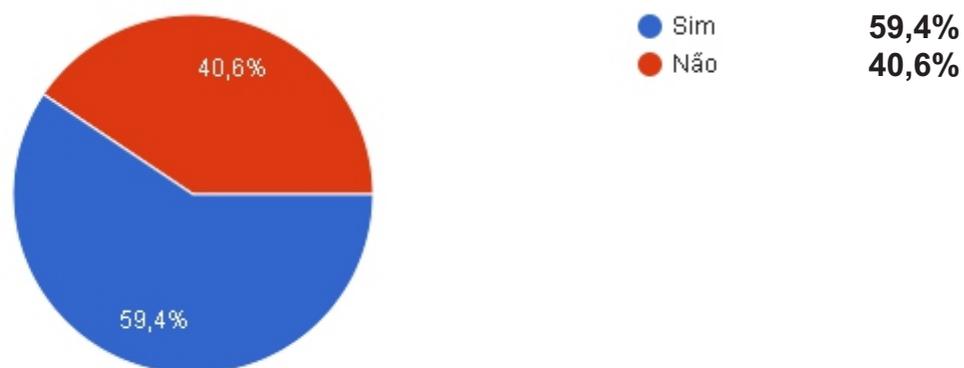
Enquanto docente, como você avalia o Ensino Remoto na perspectiva pedagógica?



Como você analisa a carga horária destinada as suas disciplinas, considerando os modelos síncronos e assíncronos?

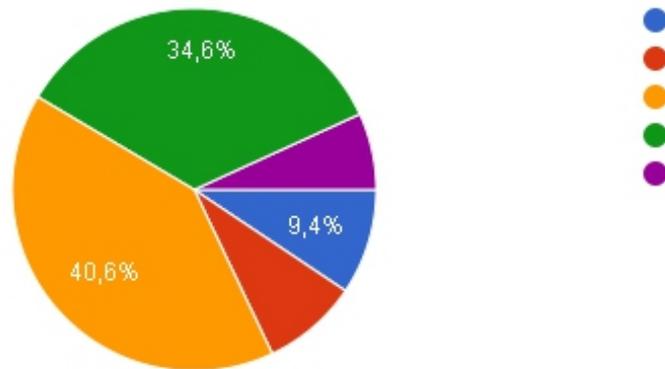


Você percebeu, intuitivamente, trancamentos, desistências ou diminuição do número de discentes durante o Ensino Remoto?

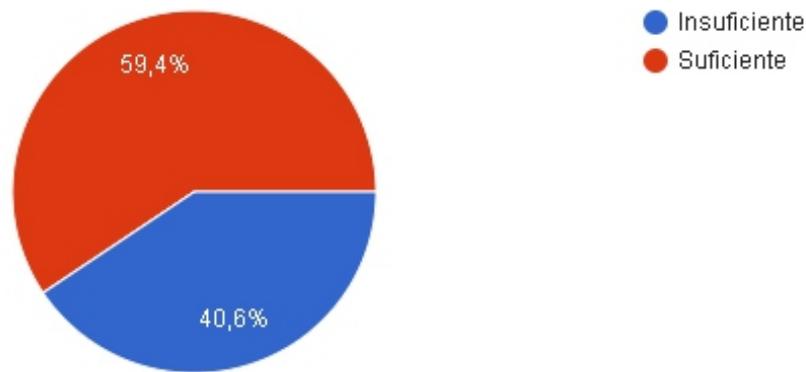




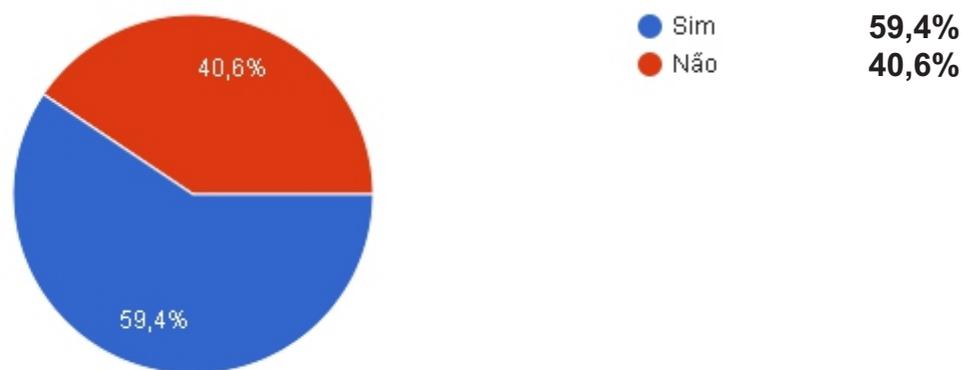
Enquanto docente, como você avalia o Ensino Remoto na perspectiva pedagógica?



Como você analisa a carga horária destinada as suas disciplinas, considerando os modelos síncronos e assíncronos?

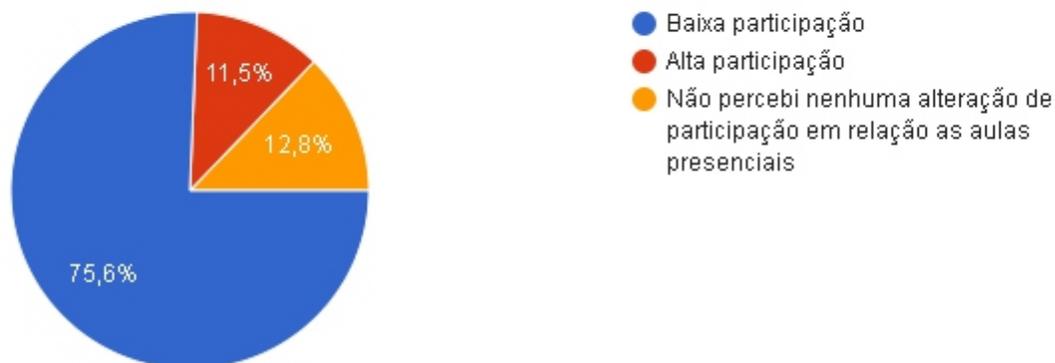


Você percebeu, intuitivamente, trancamentos, desistências ou diminuição do número de discentes durante o Ensino Remoto?

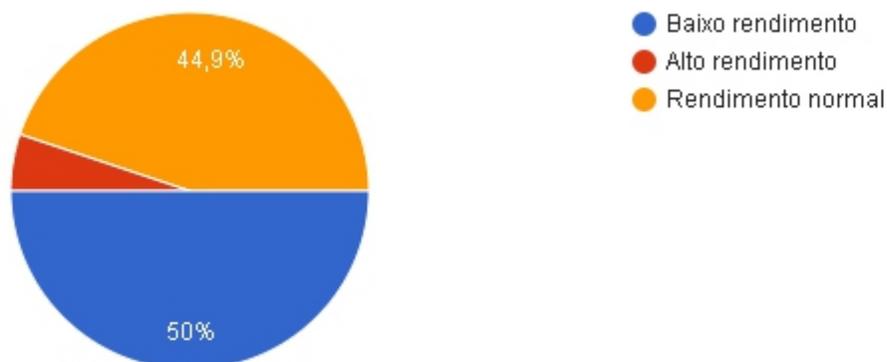




Como você avalia a participação dos alunos nas aulas remotas?



Como você avalia a o alcance da aprendizagem dos alunos de acordo com os objetivos dos seus planos de cursos?

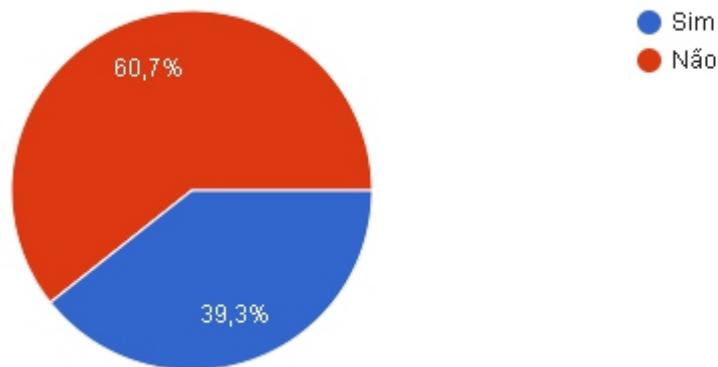


Com base nas atividades assíncronas, você avalia que houve o desenvolvimento da autonomia do estudante em seu processo formativo?

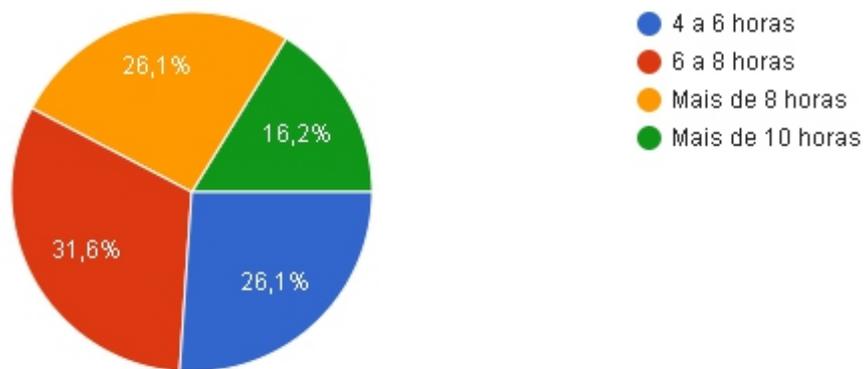




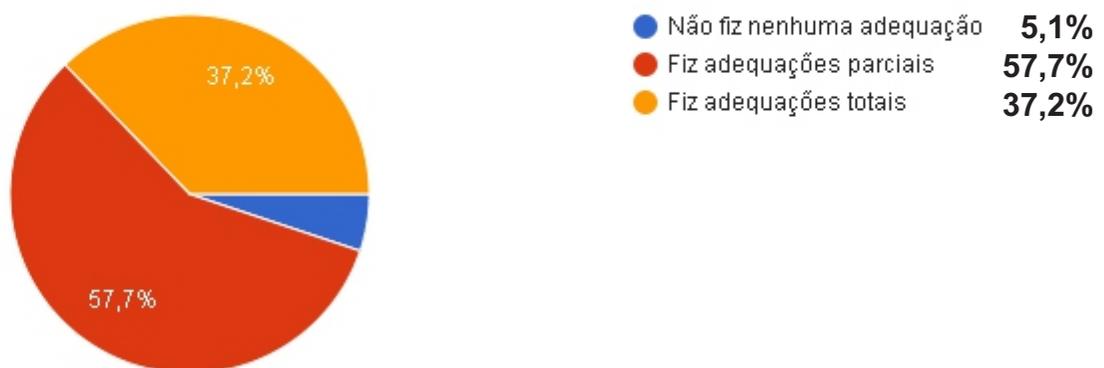
Você se sentiu confortável com a não obrigatoriedade do aluno em abrir a câmera?



Qual foi a média de horas diárias de que você esteve em frente das telas em função do trabalho remoto?

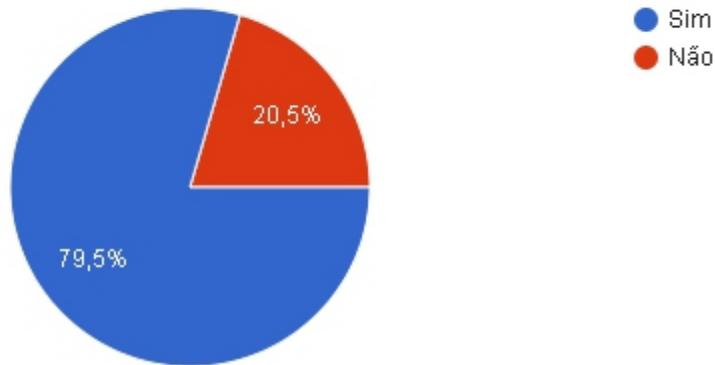


Com relação a adequação entre aulas remotas e rotina familiar como você classifica:

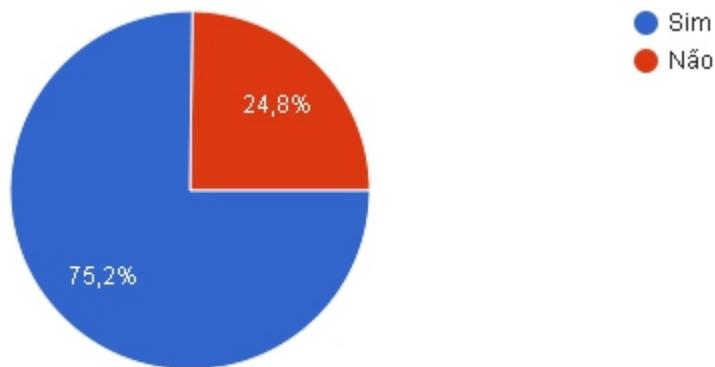




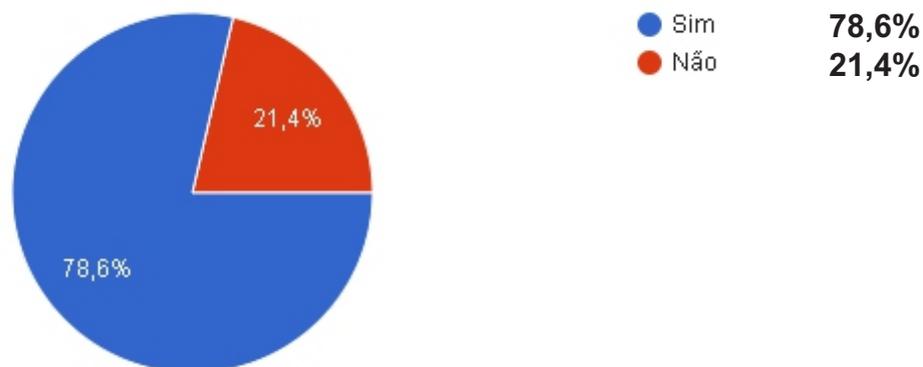
Você percebe impacto em sua dinâmica doméstica em decorrência das aulas remotas?



Você percebe um aumento de custos relacionados à sua prática profissional durante a pandemia? Ex.: aumento da conta de luz, da contratação dos serviços de internet, manutenção de máquinas etc

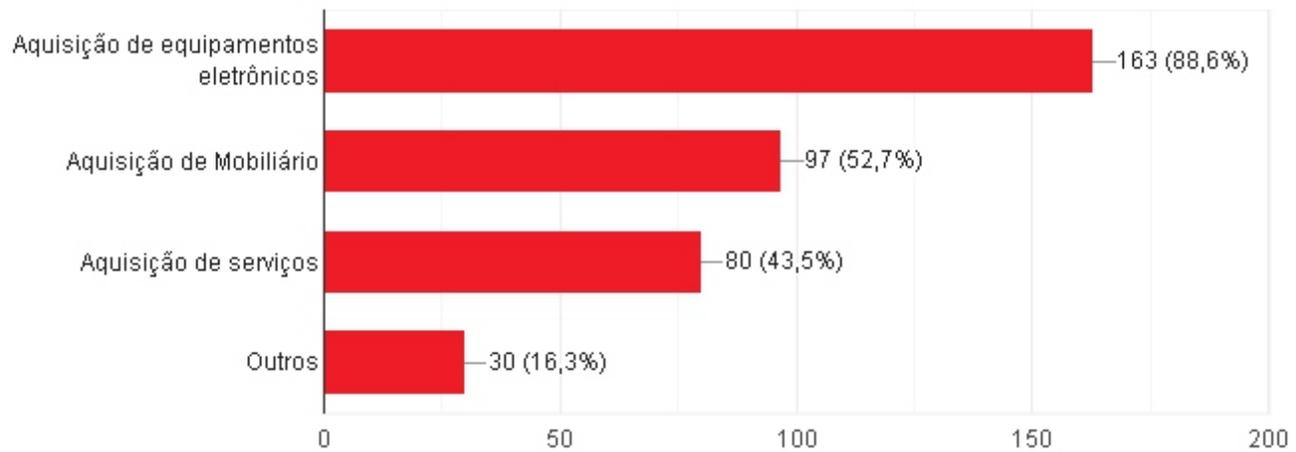


Você precisou adquirir equipamentos para ministrar aulas remotas ?

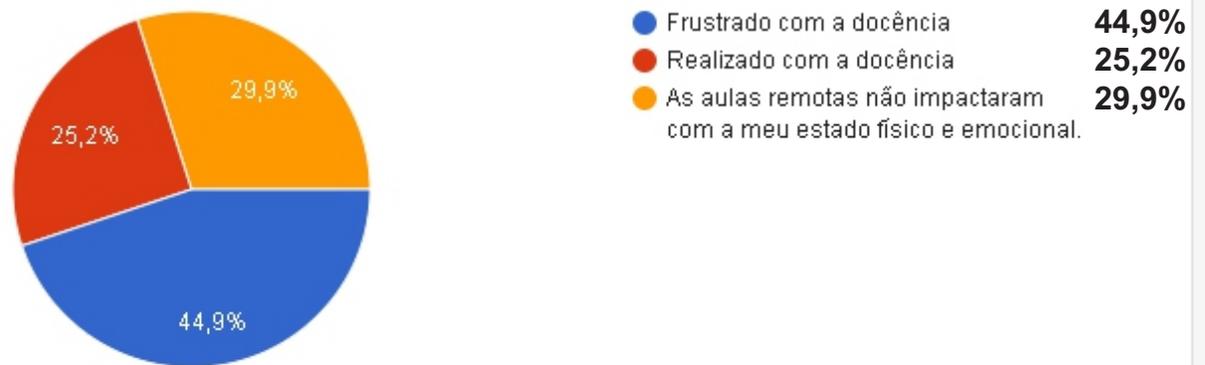




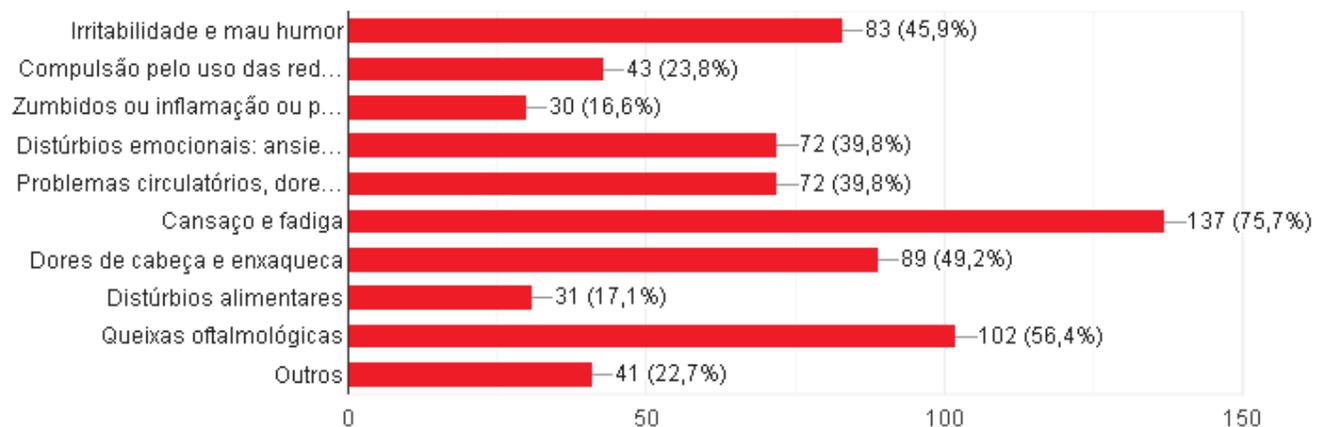
Se sua resposta foi sim, indique as aquisições:



Com relação ao seu bem estar físico e emocional, após a vivência das aulas remotas, você se reconhece como:

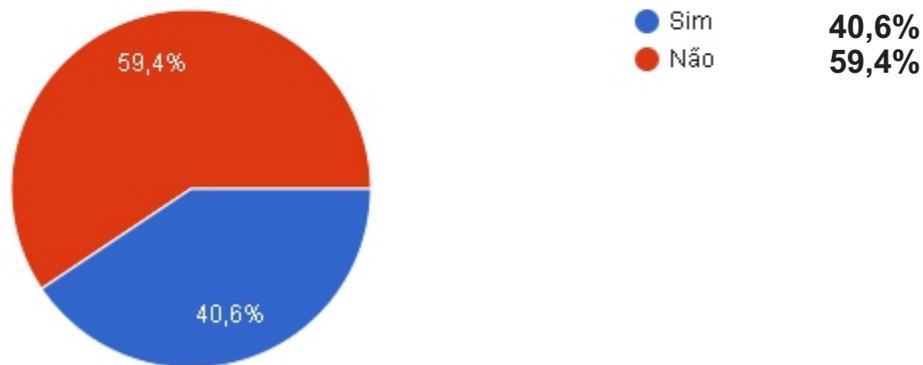


Se percebeu alterações, quais você reconhece em si:

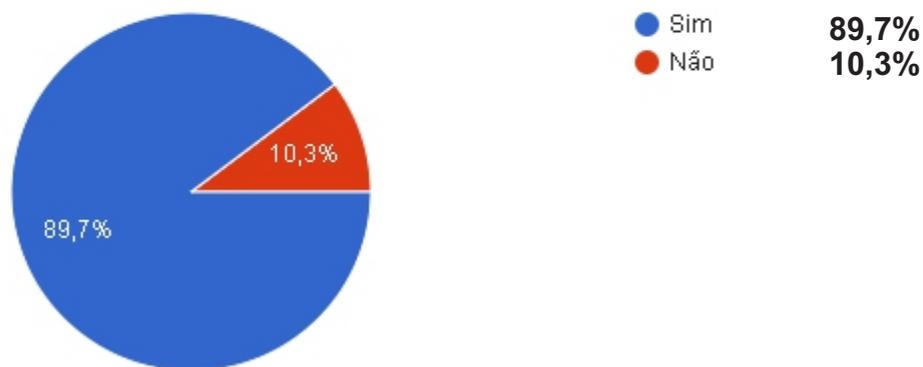




Você se sente seguro para o retornos das aulas presenciais no período de 2022.( iniciado ainda no ano de 2021 e previsto para conclusão em 2022)?



Você sente falta da dinâmica presencial de estar na universidade?



\_ ACRESCENTO PROBLEMAS DE COLUNA EM VIRTUDE DE UM MAIOR EMPO SENTADO PARA A MINISTRAÇÃO DAS AULAS, BAIXA INTERAÇÃO ENTRE DISCENTES E DOCENTE, MUITOS DISCENTES EMOCIONALMENTE AFETADOS.

\_ Uma das maiores insatisfações diz respeito à não exigência de o abrir a câmera, o que os leva a não permanecer na sala, indo fazer qualquer outra atividade, inclusive na rua...

Espero que o ensino remoto seja utilizado como complemento Pedagógico ao ensino superior com objetivo de reduzir custos e fazer com que o conteúdo chegue de forma assimétrica ao discente.

\_ Impactara de forma negativa comprometendo o futuro dos alunos

\_ O ensino remoto é uma realidade definitiva. Entretanto, não deve substituir totalmente o ensino presencial.

\_ O ensino remoto foi necessário devido a pandemia que vivenciamos e vivemos, e ainda se faz necessário! pois não estamos em fase da possibilidade de aglomerações nos ambientes da universidade!! entendo que apenas em fevereiro de 2022 é que poderemos avaliar de



como se encontra a situação pandêmica e a possibilidade de retorno presencial com segurança.

\_ Penso que as turmas que passaram pela minha disciplina tiveram uma defasagem de conteúdo, que certamente prejudicou a formação desses futuros profissionais. Há um nítido cansaço de todos nesse momento pandêmico depois de 18 meses nesse sistema remoto, e o retorno presencial seria importante para saúde psicológica tanto de professores como de alunos. Penso que os alunos já tem uma organização pessoal de proteção, estão vacinados, e o risco já é bem menor de contágio. Assim o retorno presencial híbrido já poderia ser adotado para àqueles que se sentissem seguros de estar no convívio universitário. Talvez a discussão agora é como fazer o sistema híbrido na UEPB.

\_ Uma péssima ferramenta, deve ser utilizada como complementar, e em baixo percentual. Me prejudicou muito emocionalmente.

\_ O ensino remoto tem suas vantagens e também desvantagens. A produção de material é estressante, ainda mais pelas condições de trabalho que a UEPB faz com os substitutos que os sobrecarrega com muitas disciplinas. Porém, uma vez que a produção está pronta é mais fácil de administrar as disciplinas. E o material de apoio ajuda muito os alunos para sanar algumas dúvidas. Querendo ou não, os alunos já assistem muitas aulas virtuais.

\_ Algumas perguntas desse questionário estão tendenciosas.

\_ O ensino remoto aproximou os alunos muito mais das minhas disciplinas. Prestarem em casa, os alunos se mostram mais prestativos e atentos.

\_ Acho plenamente possível, até recomendável, a realização de atividades híbridas.

\_ No início do ensino remoto, senti muita angústia, ansiedade, aumentei 2x o grau dos óculos, participei de vários cursos sobre o uso de ferramentas digitais, trabalhei noites, feriados e finais de semanas, além de estar sempre disponível para atender alunos e alunas, em quaisquer horários...

\_ Exausta e, ao mesmo tempo, insegura para voltar ao presencial.  
Será uma ferramenta dentro da nossa vida acadêmica eternamente.  
Muito positivo e proveitoso

\_ O ensino remoto não pode ser o único meio de aprender. Não pode substituir o presencial

\_ Deveria ter um treinamento do uso da plataforma. Pois, aprendemos através dos erros e acertos. Tivemos problemas com a internet na sua instabilidade, em alguns dias. Diria necessário uma qualificação dos professores no uso da plataforma google Meet.  
Comentários propositivos: deveria ser criado um núcleo de apoio material e psicológico para o corpo acadêmico; os calendários estão super apertados, piorando o que já tem sido anti-didático com o ensino remoto; ampliação da assistência estudantil, inclusive para os(as) pós-graduandos(as); melhores condições para professores(as) substitutos(as).

\_ Aula remota emergencial: uma circunstância temporária a ser combatida.  
O ensino remoto compromete a formação, causa adoecimento, além de repassar os custos para os docentes.

\_ Adapte tudo para suprir as necessidades dos alunos. A universidade entrou em nossas casas.

\_ Na minha opinião o sistema híbrido poderá continuar na UEPB, mesmo com o fim da Pandemia da Covid-19.

\_ O ensino remoto para quem trabalha no interior é prático, vantajoso para alunos e professores. Com a falta de estrutura que temos no Campus III, essa modalidade virtual deveria ser pensada como definitiva para aulas teóricas. O espaço de Guarabira deveria se tornar laboratórios de práticas educativas. Faria muito mais sentido.

\_ Acredito que o ensino remoto foi positivo para o momento inicial da pandemia, e agora não faz mais sentido e desmotiva. E sobre as ferramentas de Tis utilizadas, acredito que serão bastante uteis na forma presencial como algo complementar e auxiliar no aprendizado. E sobre a instituição, não foi dado auxílio conectividade aos professores, e nem facilidades para adquirirem materiais e/ou equipamentos para ministrarem as aulas, adicionalmente, os docentes não tinham a formação ou capacitação prévia, e tiveram que se adequar rapidamente a essa metodologia de ensino, tanto para preparação de material como para uso das tecnologias. Além disso, existe obrigações



e deverem a serem cumpridas pelos docentes através das resoluções, que retiram em boa parte a autoridade e autonomia do professor em sala, quando facultam as obrigações dos discentes.

\_ A pergunta "Com relação ao seu bem estar físico e emocional, após a vivência das aulas remotas, você se reconhece como" deveria ter mais opções ou a opção "outros". Não me sinto frustrada com a docência porque mesmo na modalidade de ensino remoto encontro prazer em dialogar com os alunos que se esforçam para participar das aulas. Mas também não me encontro plenamente realizada, pois percebo uma significativa perda da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, além do fato de que o trabalho se tornou bem mais cansativo e estressante, com muito mais cobranças e bem menos divertido. Por tudo isso a terceira alternativa do questionário também não contempla a forma como me sinto, pois o ensino remoto mudou toda a rotina de professores e alunos e sem dúvidas teve implicações na minha saúde física e mental, porém isso não apaga completamente o prazer que ainda sinto com a docência. Na questão das alterações percebidas valeria adicionar questões como dores na coluna e no pescoço, bem como agravamento de problemas de vista. Sofro dos três com o excesso de tempo no computador.

Não vejo ganho com o ensino remoto, a não ser de deslocamento físico (aluno e professor) em relação a custo. O aluno, ao não ser obrigado a abrir a sua câmera, não interage, não participa da aula, mesmo que provocado. Se discute em Semana Pedagógica metodologias ativas onde o aluno é protagonista do conhecimento, como exemplo a Sala de Aula Invertida. No entanto, como aplicar tal método ou outro se o aluno está ausente?

\_ Mesmo sofrendo as consequências do ensino remoto, preocupo-me com o retorno presencial, tendo em vista a questão do distanciamento. Para mim, o ensino híbrido acarretará mais consequências ao professor, se não forem contratados mais professores e as turmas forem divididas. Quanto aos equipamentos, recorri aos computadores do meu laboratório, tendo em vista que precisávamos de 3 computadores para toda a família. Contratei uma pessoa para melhorar o funcionamento das máquinas e fiz assinatura do CamScanner para que pudesse escanear material com mais qualidade e na quantidade necessária.

\_ A frequência e a participação dos alunos nas aulas foram relevantes.

\_ O questionário poderia ter mais opções é binário demais.

\_ Não consigo vislumbrar perspectivas no momento para retorno das atividades presenciais, pois a vacinação não está abrangendo a todos

Ferramenta maravilhosa que não pode ser descartada com a normalidade das aulas

Avaliação presencial seria suficiente para tornar a aula remota mais efetiva.

as aulas remotas tomam muito tempo e demandam muitas horas de trabalho, levando a exaustão e problemas físicos e emocionais.

\_ O ensino remoto me mostrou que a aula presencial é fundamental para a realização de uma educação para a formação humana.

\_ Os tempos dos trimestres letivos e a organização de 3 trimestres no ano de 2021 está sendo muito desgastante e quem paga essa conta são docentes e, principalmente, estudantes.

\_ O ensino remoto me causou desmotivação quanto ao ato de me dirigir ao computador para ministrar minhas aulas, fato esse que nunca senti nos meus 23 anos de ensino presencial nessa instituição. Ocasionalmente também, aumento na dosagem de antidepressivo e ansiolítico, esquecimento, assim como a piora de doenças ortopédicas e reumatológicas já existentes (comprovadas com exames e laudos). Para mim, a troca de conhecimentos e interação com os(as) alunos(as) na sala de aula é essencial nos meus componentes teóricos e de cálculos.

\_ Acredito que o pior prejuízo seja a possibilidade de os alunos trabalharem e estarem "assistindo aulas" no mesmo período, e o processo de avaliação, onde os alunos fazem provas em grupo. Estão sendo aprovados sem conhecimento suficiente. Os reflexos aparecerão no ENADE e no nosso caso específico, nas notas do Exame de suficiência do Conselho Federal de Contabilidade.

\_ Percebo claramente as perdas durante o ensino remoto. Ministramos as aulas para paredes. Os alunos não respondem questionamentos, não interagem na aula, dando a nítida aparência que não se encontram em sintonia. Vejo, em alguns, apenas o interesse em concluir o curso e não em aprender, visto que, se posicionam contrários em executar tarefas ministradas e, durante as provas, encontramos padrões de erros que só ocorrem qdo se faz a prova em conjunto. Parece-me, não posso afirmar com certeza, pois não se tem como provar, que combinam as respostas em grupo paralelo, qdo estão a fazer as avaliações. Como saber se estão a fazer só, de fato, se nem nesse momento ligam as câmeras? Dificil momento que passa a educação.

\_ Sugiro o retorno das aulas presenciais apenas em fevereiro ou março. Quando teremos realmente uma dimensão real de segurança.



\_ Algumas das questões para mim não contemplam. Por exemplo, alta ou baixa participação. Houve dias que tive muita participação e outros não. Talvez os critérios fossem insatisfatórios, satisfatório, muito satisfatório, por exemplo. Muito ou alto são duas opções que excluem a possibilidade do meio termo. Uma sugestão de ação da Adupeb poderia ser ajuda para compra de notebooks. De tanto usar a bateria está viciada e só pega na tomada.

\_ O maior problema do ensino remoto é a falta de interação dos alunos com o professor.

Repercutiu negativamente com mais força ainda nas mulheres mães de filhos pequenos e cuidadoras em geral. Docentes mães ficaram ainda mais sobrecarregadas, com as crianças em casa em tempo integral, necessidade de maior acompanhamento parental, inclusive nas atividades escolares, impactos emocionais do isolamento nas crianças, tarefas domésticas (com pouca ou nenhuma ajuda externa durante a pandemia). Isso foi completamente desconsiderado pela Instituição, que poderia ter adotado medidas como redução de carga horária, extensão de prazos e bolsas de monitoria garantida para as disciplinas ministradas por mulheres mães ou cuidadoras em geral. Entre aulas, pesquisa e atividades de extensão (retomadas já no final de 2020 remotamente) o resultado é um completo esgotamento físico, mental e emocional, além do pânico de ter de enfrentar mais um semestre em 2021, com docentes e discentes completamente exaustos. Extremamente contraproducente do ponto de vista pedagógico.

Os maiores problemas que vivenciei foi a falta de interatividade nas aulas pela maioria dos alunos(as), assim como, a necessidade de uma melhor/menor capacitação no uso da tecnologia com suas diversas ferramentas.

\_ Acredito que essa modalidade de ensino veio para ficar. Pode ser mais uma alternativa didático-pedagógica no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, se faz necessário a disponibilização de mais atividades formativas docentes. Existe a jornada pedagógica, mas acredito ser pouco efetiva ou insuficiente para se obter resultados melhores.

\_ Em que pese ter percebido trancamentos, desistências, em termos quantitativos, nada muito diferente do que ocorria durante o presencial. Por fim, penso que a inserção, em definitivo, da modalidade remota de ensino deva ser uma realidade.

\_ Penso que algumas perguntas do questionário poderiam ir além do SIM ou NÃO, para expressarem melhor como nos sentimos.

\_ Formulário não permitiu que respondesse as perguntas adequadamente. Perguntas direcionadas. Por exemplo, meu estado físico e mental: estou esgotada. Não pelo remoto em si, mas pelo fato de haver sido das poucas que desde abril ter conseguido ficar no remoto e adimplido com todas as obrigações; assumido papel ativo na formação de professores entre o 2020.1 e a fase 2 dele, assumido turma extra na fase 2, me colocarem 4 disciplinas distintas no último semestre e três no anterior, sem intervalos. Logo, em não sendo dedicação exclusiva, uma carga extremamente árdua sem retorno. Acho que o remoto em determinadas disciplinas pode ajudar e sem muito bom, mas não sobrecarregar quem sabe utilizar e deixar o "malandro na boa".

\_ O ensino remoto foi algo necessário, mas com o passar do tempo tá se tornando uma rotina cansativa. O esforço é redobrado para uma oferta de ensino de qualidade.

Sinto bastante falta da dinâmica da aula presencial, além de que o ensino remoto potencializou alguns transtornos psicológicos como a ansiedade e o repúdio a coisas que antes me davam prazer (o estar em casa, o uso de redes sociais), pois se transformaram em ferramentas de trabalho. E o trabalho pareceu ser ampliado. Mas entendo a necessidade deste tipo de ensino para o atual cenário. Algumas coisas que foram utilizadas durante esse período pretendo utilizar mesmo com o retorno no presencial.

\_ As aulas presenciais são imprescindíveis, inclusive pelo seu caráter integrativo humano, para uma melhor saúde emocional, mental e física. Pois a intensidade de sensação de desconforto, que concorre também para um certo absenteísmo nas atividades laborativas, em função das aulas remotas, é de evidente percepção e merece ser melhor evitado e estudado. Outro fator a ser cruzado na análise é a causa inicial do processo: uma quarentena que forçou as nossas atividades regulares a ser completamente modificadas, diante também de um estado geral de expectativa e "medo social", revelando tensões e conflitos de ordem maior na sociedade inteira.

\_ O ensino remoto foi uma forma emergencial para desenvolver a atividade docente durante a pandemia, todavia, o uso da tecnologia para o auxílio a aprendizagem é um elemento que é possível ser utilizado para o desenvolvimento do ensino, mesmo que presencial, nesse sentido, acredito que com a volta com as atividades presenciais há a possibilidade de ainda se utilizar das tecnologias para interagir mais com os alunos, promover a aprendizagem e realizar conferências. Por fim, sobre o questionário, é necessário dizer, que em muitas perguntas existiria a necessidade de resposta mais complexas, todavia, por ser tratar de uma única resposta por questão torna meio que enviesado a possibilidade de resposta mais elaborada.

\_ O ensino remoto tem sido "vendido" como a salvação da lavoura. Entretanto, esse tipo de discurso revela o certo clima de aparente



normalidade e oculta certa lógica segundo a qual trabalhador só serve se estiver trabalhando. Com isso, esquece-se de fazer uma avaliação mais acurada e detida dos impactos do ensino remoto na vida de todos. É preciso fazer um acompanhamento ao longo do processo e não apenas nas pontas. Corremos o risco de que a exaustão a que estamos sendo levados pelo ensino remoto possa, em um outro extremo, nos levar a querer o ensino presencial a todo custo mesmo com os riscos ainda existentes.

\_ Acredito que o sistema híbrido é o ideal, uma vez que descobri recursos que esse período remoto proporcionou e que penso em aderir (uso de lives, filmes, etc, na parte assíncrona). Por outro lado, a quantidade de horas trabalhadas aumentou demais, acarretando cansaço visual frente à tela, dores nas pernas e coluna e provocando o sedentarismo, pelo aumento da carga de trabalho. Finalmente, os professores não tiveram nenhum suporte financeiro ou de saúde do trabalhador para a adequação ao ensino remoto. Não tivemos auxílio conectividade, financiamento para investimento em equipamento mais adequados, óculos de proteção antiluz azul, cadeira ergométrica - condições mínimas de trabalho digno e saudável.

\_ Me parece que diante do aperto econômico e aumento dos custos, para uma UEPB viável, as aulas (pelo menos teóricas) a distância se mostra a melhor alternativa, pois proporcionam economias significativas, tanto de custeio como de espaços físicos. Logicamente ainda precisa ser criada uma cultura, mas o EAD já é uma realidade em grandes cursos de pós graduação, a adequação ao ensino de graduação convencional será uma questão de tempo e profissionalização dos professores com os mecanismos de ensino.

\_ Acredito que as atividades remotas podem nos auxiliarem em situações excepcionais. No início fui resistente às aulas remotas, mas consegui me adaptar e ter um bom aproveitamento. Sinto falta do modo presencial, mas não me sinto segura para a convivência, ainda faço isolamento social, temo a corona vírus (mesmo vacinada) sou do grupo de risco.

\_ Uma questão muito ruim que achei, foi a não obrigatoriedade dos alunos não abrirem as câmaras, nem mesmo quando estão falando; Outra questão foi que, como sempre tem aqueles alunos que não gostam de assistirem aulas, e, sabendo que o número de faltas não dá para reprovar, se aproveitam dessa brecha e faltam bastante. No final, retomam as atividades como se nada tivesse acontecido, mesmo sabendo do número de faltas no Sistema. Dizem que teve alguns "imbróglis" por conta da pandemia: teve ansiedade; teve síndrome do pânico, dentre outros.

\_ As questões aqui estão muito fechadas pq se trata de uma pesquisa baseada no par sim/não, quando há outros debates implicados. Entendo que o ensino remoto é uma realidade, até já temos uma portaria federal que aumenta em 40% a carga horária remota. No entanto, falta muita coisa a ser resolvida como: capacidade digital, normatização do ensino remoto, adequação das relações professor/aluno etc. É modelo temporário diante da pandemia, mas impactará com metodologias ativas no ensino presencial

\_ O questionário apresenta limitações em relação aos questionamentos e respostas disponíveis, uma vez que nada pode ser generalizado. 1 - Vamos ter alunos que conseguem ter um bom rendimento com as aulas remotas, mas vamos ter os que não conseguem atingir o objetivo proposto. Isso, por exemplo, interfere em algumas das respostas, porque as mesmas não atendem plenamente às implicações que se originam a partir das perguntas; 2 - Outro exemplo... não se trata de sentir conforto ou desconforto com o uso das câmeras pelos alunos, mas das consequências dessa situação para o bom rendimento de um trabalho, já que perdemos em potencial de interação, ânimo da aula pela própria turma, que por vezes pode ir ficando mais apática ao longo do semestre... isso certamente vai interferir mais decisivamente no nosso conforto, quando for o caso; 3 - Quanto ao ensino remoto enquanto prática pedagógica, não seria possível termos a opção 'regular' ou 'razoável' como intermediária?; 4 - Sobre o bem-estar físico e mental com a realização das aulas remotas, não é preciso o docente se sentir frustrado a ponto de não se sentir realizado com a docência. As implicações são outras. Não pode o docente se sentir realizado e, ainda assim, esgotado mentalmente e fisicamente diante da realidade imposta em virtude de tudo, inclusive, das aulas remotas? Enfim, são alguns pontos que deixo como contribuição para as próximas pesquisas... Grato. Luís Adriano

\_ De modo geral, a sensação que tenho é que o professor trabalhou muito mais para ministrar satisfatoriamente as aulas remotas, entretanto a resposta em aprendizado dos alunos é muito frustrante! Infelizmente...

Minha casa é pequena para duas pessoas em trabalho remoto da universidade com as vídeo chamadas (aulas, orientações e reuniões) a quebra de rotina e de usos do (pouco) espaço aumentou ainda mais a sensação de mal estar e insatisfação com o ambiente doméstico (além de todo peso emocional da pandemia). No começo da pandemia comecei a utilizar fone de ouvido o que levou a um problema de audição (audição abafada) que levou dias para passar, hoje não uso mais fones. Também visão muito cansada e ressecada, também fui acometido de uma condição de pequenas manchas (moscas volantes) na visão provavelmente devido ao uso em demasia do computador. Minha carga de horas aulas no meu centro foi muito alta 16h semestre passado e 14h neste, nos três turnos e praticamente todos os dias, além de PIBIC e Extensão (está com oficinas de três a quatro horas semanais). Estas condições geraram um extremo cansaço, muito além do normal, a sensação de frustração se soma ao baixo rendimento dos estudantes em aula e as grandes limitações físicas, emocionais, financeiras para a



maioria deles. A rigor peguei um abuso do computador e do meu lugar de trabalho e estudo em casa por ter se tornado um local de onde não há mais divisão entre o momento de trabalho estafante e frustrante das aulas, do momento criativo e prazeroso do estudo e a eliminação dos momentos de lazer que poderiam vir através do computador, porque ninguém aguenta ficar mais na frente da tela pra estudar ou se divertir depois de 6 a 8 horas de tela por dia. O ensino remoto também exigiu pra mim sobrecarga de trabalhos e atividades avaliativas para compensar o baixo engajamento no ensino remoto (dificuldades de acesso dos alunos as aulas de várias ordens, seja tempo, estrutura doméstica, familiar, saúde, financeira, tecnológica etc). Entendo e apoio o ensino remoto como medida extrema para o combate a pandemia, para mim era o único caminho. Embora inseguro para o retorno (como também para a vida social), creio que devemos repensar com muito cuidado o que faremos e como faremos tudo daqui pra frente, pois o vírus embora muito menos letal com a vacina ainda continuará ativo muito tempo e não se trata só de uma "gripezinha" como as mais de 600 mil vítimas não nos deixam esquecer. De uma forma ou de outra devemos retornar e rever as práticas de ensino e segurança (não sei se será possível, por exemplo atividades "em grupo" nas salas de aula). Também não sei como conseguirei dar aula de PFF2 pelo som abafado que exige um tom de voz muito mais elevado e agravamento da irritação da garganta pela falta de umidade provocado pela máscara (não será recomendado ficar tirando a máscara para tomar água o tempo todo). Em salas maiores e com mais alunos (como nos primeiros semestres) isso será um problema sério a meu ver.

sem comentários

## UMA GRANDE VANTAGEM DO ENSINO REMOTO PARA OS ALUNOS É A POSSIBILIDADE DE ASSISTIREM A VONTADE AS GRAVAÇÕES DAS AULAS

Não há nenhuma condição pra ensino híbrido, deveria haver rotatividade de alunos por sala ou a aula acontecer em espaços mais abertos quando as turmas forem maiores.

A universidade precisa oferecer condições sanitárias para o retorno, e isso não inclui apenas álcool. Eu, por exemplo, tenho mais de 40 alunos por turma nas aulas de fotografia que também são laboratoriais. Como colocar todos em sala para atividades práticas? Como compartilhar câmeras (que nem podem ser limpas com álcool)? Se dividir a turma, como fica minha carga horária?

\_ Sinto falta da dinâmica presencial, mas não me sinto segura para o retorno nesse momento. Creio que as dificuldades são totalmente transponíveis diante do quadro geral de insegurança e da dificuldade relatada por alguns alunos para um retorno próximo do final de ano. Muitos discentes são de outras cidades e relataram ser um transtorno ter que retornar ao modo presencial em pleno mês de novembro, citando dificuldades com contratação de transportes e/ou custos com locação de apartamento nesta época do ano.

\_ O ensino Remoto nos faz trabalhar muito mais e a receptividade dos estudantes não é satisfatória como desejamos nem o processo de aprendizagem. Temos muitos estudantes com ansiedade, depressão, pânico, problemas financeiros, perdas de familiares de amigos em decorrência da covid, dificuldade de acesso à sala, seja relacionado a Internet ou à presença de muitas pessoas na casa, crianças, animais, o que dificulta não apenas abrir a câmera como também o áudio para participar da aula. De um modo geral, a participação nas aulas diminuiu e ficamos falando horas, diante de " bolinhas " na tela. Temos que falar toda aula sozinha, cansa. Poucos estudantes participam. Muitos desistem, seja pelas condições da aula remota ou problemas de saúde. Infelizmente, não visualizo retorno presencial no momento. Precisamos segurança para todos. No Centro de Humanidades, acredito que precisa receber vários serviços para podermos ter condições de voltarmos com segurança. Já tivemos muitas perdas não concordo em nos expor ou expor nossos estudantes e técnicos administrativos. Achei o questionário muito fechado. Poderia ampliar as opções de respostas. Esperamos que o sindicato possa garantir que nosso retorno só ocorra mediante total segurança.

\_ Esperando voltar o quanto antes

\_ Justificativa da reposta anterior: Sinto falta da dinâmica presencial, mas considero imprudente voltar nas datas propostas pela Administração Central da UEPB.

\_ Algumas questões como, por exemplo, a participação dos alunos nas aulas é relativa. Tenho turmas mais participativas e outras menos. Outro ponto é o bem estar físico e mental a frustração não é com a docência em si, mas com a situação do trabalho em geral, por ter que se dividir entre as jornadas domésticas e da docência.

\_ O grande problema do ensino remoto são a avaliação, o acesso dos alunos e a falta de um ambiente de estudo adequado para os mesmos.

\_ Estou exausta, há uma sobrecarga de trabalho imensa, a cobrança por parte da UEPB é enorme, não apenas em relação às aulas em si, mas às tarefas que competem também ao trabalho docente (milhões de comissões e bancas que precisamos participar, um sem número de reuniões, um excesso de trabalho permanente). Não me sinto segura para voltar presencialmente e não estou bem com o ensino remoto, estamos em um dilema horrível. Vejo muitos colegas desenvolvendo ansiedade e depressão por conta da nova dinâmica de trabalho, os alunos também estão super vulneráveis, tenho tentado me cuidar para não precisar recorrer aos ansiolíticos e antidepressivos, mas não está



nada fácil. E para completar, em todo período de recesso, tenho atividades como docente (concurso para substituto, edital PIBIC, edital de monitoria, prova de proficiência etc.), precisamos mudar essa lógica de atividades no período que deveria ser para nosso descanso. Espero que o sindicato realmente leve em consideração esse questionário e lute por melhores condições de trabalho porque estamos em uma situação preocupante, baseada na lógica da sociedade do cansaço (produtividade - algumas vezes sem qualidade - e exploração total do trabalhador).

\_ O ensino remoto é prática inexorável na pós modernidade. Temos que nos acostumar com o uso das tecnologias, que demarcam esse novo tempo e julgo bastante estranho os acadêmicos que dizem não dominar, ao menos em parte, a tecnologia intuitiva do classroom. Defendo que os componentes teóricos tenham continuidade por via remota em definitivo. Defendo também os nossos alunos, cuja maioria gosta de não ter que se deslocar para a universidade por horas, em ônibus mal cuidados e sob constante risco de vida. Que a universidade ofereça maiores e melhores programas de acesso aos nossos discentes, assim como possibilite meios para amparar os professores com o desgaste e aquisição de equipamentos (um bom microfone custa 200 reais, uma câmera tem o mesmo valor, cadeira e mesa ergonômicas custam mais de 1.000 reais, assim como um pacote de internet, que possibilite estabilidade na transmissão das aulas, pode chegar a 300 reais). Não gosto da possibilidade de ensino dito "híbrido" (com parte da turma em casa e outra na sala, pois só aumentaria nossos gastos e desgaste físico e mental), embora defenda a abertura total dos núcleos de pesquisa e a elevação dos programas de bolsa de pesquisa para o alunado envolvido, o que turbinaria o ensino em si.

\_ Vejo o ensino remoto como necessário e temporário. Sou a favor de permanecermos no remoto enquanto a taxa de transmissão do vírus não baixar, pois, além dos protocolos de segurança na CIAC, precisamos estar atentos a forma como nossos alunos se deslocam para a universidade (estando ou não na nossa cidade, a grande maioria se locomove por meio de transportes super lotados!). É desumano pensarmos apenas no bem estar do trabalho de professores que se queixam do cansaço pela alta demanda de atividades que o ensino remoto nos exige e não pensarmos na comunidade como um todo.

\_ Eu percebi algo positivo que é a gravação das aulas para posterior observação tanto do docente como discente. Outra coisa, foi fazer atividades e pode corrigir e discutir na própria sala de aula. Quem realmente tem interesse, estuda e tira as dúvidas com os professores e monitores.

\_ Que o ensino remoto não seja uma continuidade para o ensino universitário. Esse modelo não possibilita: vida acadêmica, interação com a comunidade universitária, distanciamento dos colegas e dos alunos, distanciamento da realidade. Isolamento das pessoas. Falta de discussão presencial. Terrível esse modelo de educação. É um faz de conta, esse modelo não pode prevalecer nas universidades brasileiras. Nada substituiu a presença, o contato, o afeto e as relações sociais, comunitária entre alunos, professores e comunidade local. Não ao ensino remoto.

\_ Às condições de todos, sociais, econômicas e emocionais, foram impactadas pela pandemia, principalmente dos alunos e seus familiares. O retorno do sistema presencial tem que ser levado em consideração os casos possíveis de comorbidades entre alunos, técnicos administrativos e professores(as), bem como em seus familiares.

\_ O ensino remoto cumpre o papel diante da situação pandemia, mas traz consigo várias consequências pedagógicas e psicológicas. No entanto, vejo a universidade de mãos atadas com poucas ações voltadas a promover alternativas pedagógicas e até preparo em lidar com a pandemia, deixando-nos inseguros e cheios de incertezas sobre o retorno presencial e até sobre a manutenção das aulas remotas. Acredito que as atividades síncronas e assíncronas poderiam ser distribuídas em semanas alternadas, de modo a evitar a exposição excessiva de alunos e professores às telas.

\_ O que mais me incomodou foi (1) a impossibilidade de aulas práticas, que no meu caso são metade do conteúdo e (2) a apatia dos estudantes, mas por diversos motivos eles também tiveram suas limitações. Quanto a questão das alterações, coloquei outros, mas foi dor na coluna e incômodo geral, por passar muito tempo sentado.

\_ Não satisfatório, mas necessário no momento em que vivemos

\_ Decadência no aprendizado; estresse profissional; cansaço físico, problemas técnicos, etc.

\_ É uma tendência crescente.



**8** CAMPI,  
UMA SÓ  
LUTA

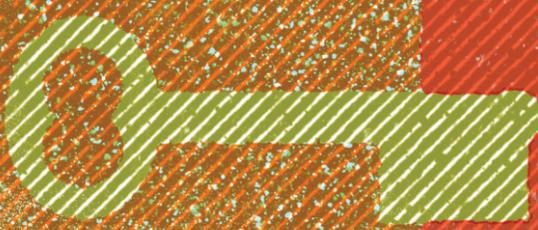
SINDICATO DE LUTA É  
SINDICATO COM TOD@S.

> **FILIE-SE**



**ADUEPB**

S. Sindical-ANDES - SN



**ADUEPB**  
S. Sindical-ANDES - SN